ROTEIRO

Caminho do Tejo

CAMINHOS DE FÁTIMA

CENTRO NACIONAL DE CULTURA

CAMINHOS DE FÁTIMA

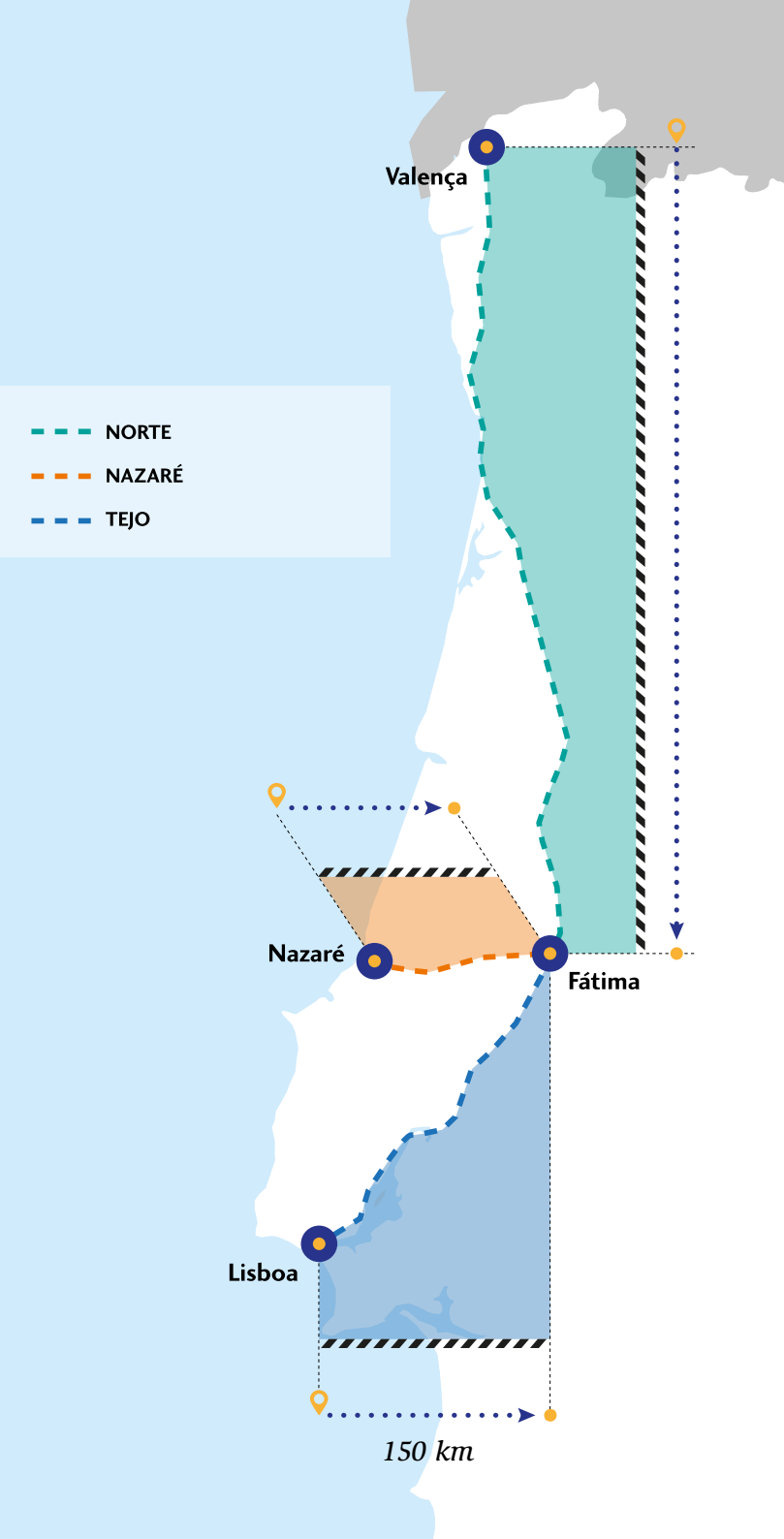
TURISMO DE PORTUGAL

Entidade Regional de Turismo da Região de Lisboa

ROTEIRO

Caminho do Tejo

CAMINHOS DE FÁTIMA


NORTE
NAZARÉ
TEJO
Valença
Nazaré
Fátima
Lisboa
150 km

CAMINHOS DE FÁTIMA são uma rede de **itinerários religiosos e culturais** que partem de diferentes locais e terminam no Santuário de Fátima. Proporcionam a quem os percorre uma verdadeira **espiritualidade**, em ligação com a natureza e as vivências religiosas e culturais.

Têm por finalidade criar **condições seguras e aprazíveis para peregrinos e caminhantes que se dirigem ao Santuário de Fátima**, evitando as estradas com grande circulação automóvel em favor de caminhos de terra e de pequenas estradas rurais com pouca circulação. Percorrem territórios variados, com grande interesse cultural e paisagístico, e articulam-se com outros itinerários de âmbito nacional e internacional.

Desenvolvidos pelo Centro Nacional de Cultura, os Caminhos são implementados em parceria com múltiplas instituições (autarquias, associações, organismos públicos e entidades civis e religiosas) e em articulação com o Santuário de Fátima.

Os Roteiros dos Caminhos de Fátima disponibilizam informação completa e atrativa sobre estes percursos, com destaque para a paisagem, o património, a cultura e as ambiências locais.

Estão disponíveis roteiros dos seguintes **Caminhos: Caminho do Tejo** (entre Lisboa e Fátima); **Caminho da Nazaré** (entre Nazaré e Fátima); **Caminho do Norte** (entre Valença e Fátima).

PREPARAÇÃO: PLANEAMENTO E ORIENTAÇÃO | Para percorrer os Caminhos de Fátima com os itinerários que lhe sugerimos, deve preparar a sua viagem, tendo em conta as condições gerais de cada um dos Caminhos em todo o percurso e, ainda, as condições específicas de cada jornada ou etapa (caminhada de um dia). Pode também ajustar o tempo recomendado para cada Caminho e prolongá-lo, em função da sua condição física, disponibilidade e interesses.

Para além da **sinalização** no terreno, é essencial conhecer e utilizar a **cartografia** pormenorizada sobre o Caminho que pretende fazer. É um instrumento fundamental ao longo do seu percurso. Pode recolher diretamente esta informação em **www.caminhosdefatima.org**

SINALIZAÇÃO

As indicações que orientam peregrinos e caminhantes no percurso dos Caminhos de Fátima baseiam-se na imagem representativa e na simbólica associada à marca **Caminhos de Fátima**, que se encontra devidamente registada. A representação visual desta marca inclui um elemento essencial: a **azinheira**, local de aparição da Virgem aos pastorinhos e espécie caraterística da vegetação e da paisagem do território onde se enquadra Fátima. Trata-se de uma árvore (*Quercus ilex rotundifolia*) que marca a paisagem de cariz mediterrânico em Portugal e que se encontra hoje protegida.

A **cor azul** é também uma componente da marca. Refere-se ao azul celeste, incorporando a dimensão simbólica de caráter religioso e, em simultâneo, a ambiência atmosférica que se experiencia diretamente no local e no espaço envolvente.

CAMINHOS DE
FÁTIMA

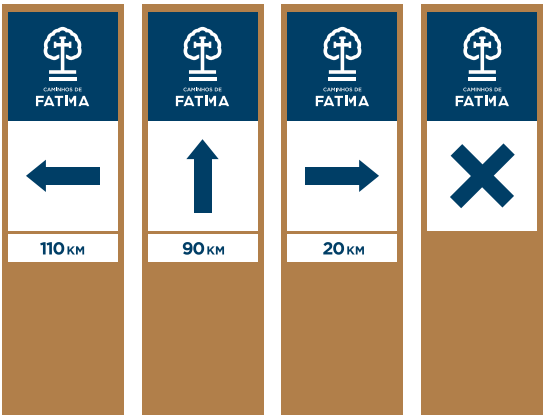
Esta marca, cuja matriz inicial foi desenhada em 1996, foi atualizada em termos de comunicação em 2017, mantendo os mesmos elementos (azinheira e cor azul) e associando, de forma mais expressa, a simbólica religiosa (cruz).

religião fátima caminhos

A **sinalética** existente no território onde se desenham os Caminhos inclui os símbolos da marca traduzidos na respetiva imagem com representação gráfica e cor. No entanto, até à conclusão do extenso processo de sinalização de todos os Caminhos de Fátima, no território português, pode deparar-se com os seguintes **elementos de sinalização**:

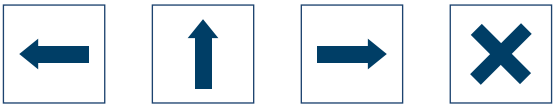
• representação da marca (desenho antigo da marca): duas azinheiras e um caminho que a elas se dirige;

• representação atualizada da marca: azinheira envolta na cruz e caminhos;



• setas azuis ao longo de todos os percursos. Estas setas azuis podem coexistir com setas amarelas, ou mesmo com a marca dos Caminhos de Santiago (representação da concha, uma vieira) em cor amarelo, uma vez que parte destes Caminhos coincide com este itinerário de peregrinação que se dirige para Santiago de Compostela, na Galiza, em Espanha;

• indicação "Caminhos de Fátima" em diversos suportes



Roteiro

Lisboa → Fátima
Jornada
Santuário de Fátima
Moita do Martinho
Giesteira
Covão do Coelho
Minde
Covão do Feto
Monsanto
Chã de Cima
Arneiro das Milhariças
Advagar
Azoia de Baixo
Portela das Padeiras
Santarém
Porto de Muge
Valada
Reguengo
Azambuja
Vila Nova da Rainha
Vala do Carregado
Castanheira do Ribatejo
Vila Franca de Xira
Alhandra
Alverca
Alpriate
Granja
Loures
Parque das Nações
Sé de Lisboa
[6]
25,1 km
± 8h00
[5]
32,8 km
± 9h00
[4]
32,3 km
± 8h00
[3]
19,7 km
± 5h00
[2]
28 km
± 7h00
[1]
12,5 km
± 5h00

CAMINHOS DE
FATIMA

CAMINHOS DE
FATIMA

CAMINHOS DE
FATIMA

CAMINHOS DE
FATIMA

CAMINHO DO TEJO [Entre Lisboa e Fátima]

Este Caminho inscreve-se num espaço geocultural marcado pelo **rio Tejo** e pelo complexo sistema natural, social e cultural associado a esta grande via fluvial que atravessa Portugal. Uma parte do Caminho tem o rio por horizonte e avança pela paisagem serena das **planícies da Lezíria**. Outra parte prossegue pelos **planaltos, serras e vales do maciço calcário estremenho** das Serras de Aire e Candeeiros, o ancestral e caraterístico território de transição entre o sistema fluvial do Tejo e o litoral atlântico.

EXTENSÃO E DURAÇÃO | O Caminho do Tejo tem uma extensão de cerca de **150 km**. Está divido em **6 jornadas** ou etapas que correspondem a **6 dias de caminhada**. Cada etapa tem uma extensão média variável, definida em função das especificidades geográficas, do grau de dificuldade associado à topografia e às condições do caminho a percorrer e da logística de apoio. Mas é também considerada a presença de lugares emblemáticos de interesse paisagístico, histórico e cultural que motivam a paragem e fruição.

No decurso de cada jornada, destacam-se troços e locais singulares, cujas condições naturais e culturais suscitam a atenção e envolvimento do caminhante para peregrinar em comunhão com a natureza e para conhecer a vida local e interagir com as comunidades.

Durante estes seis dias de caminhada, em espírito de verdadeira **peregrinação e descoberta**, pode encontrar estruturas de apoio e enquadramento de peregrinos. Estas estruturas estão geralmente associadas às Paróquias e Misericórdias, mas também aos municípios e freguesias, ou até mesmo a associações e organizações da sociedade civil.

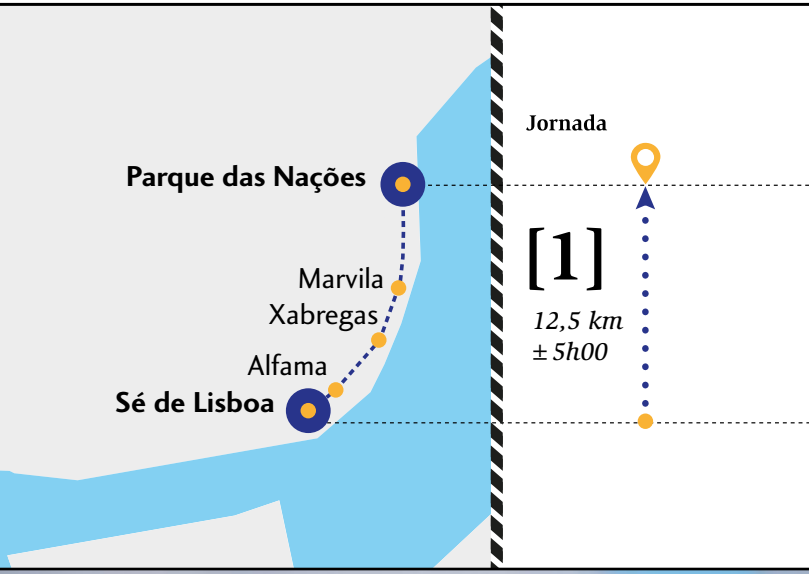
À medida que o percurso se desenrola, o Caminho do Tejo revela-se um verdadeiro **itinerário cultural e espiritual** de conhecimento, encontro, experiências, vivências e partilha. O modo de vida e as ambiências são múltiplas, mercê das diferentes dinâmicas culturais, sociais e religiosas.

O prazer das novas descobertas está sempre no horizonte, incluindo paisagem, património e comunidade. Deste roteiro cultural, fazem parte ambiências, lugares, sítios e edifícios de valor histórico e também equipamentos artísticos, tradicionais e ambientais, que acompanham a elevação estética de quem percorre um Caminho, em convívio espiritual, para chegar ao santuário mariano de Fátima.

QUANDO FAZER O CAMINHO DO TEJO | Pode fazer-se o Caminho durante todo o ano. No entanto, é durante a **Primavera e o Outono** que pode ter as melhores condições de clima. No **Verão** pode esperar alguns dias de elevada temperatura, mas também pode adequar o seu horário, aproveitando as manhãs e os fins de tarde. Pode, ainda, conjugar este calendário com os momentos altos das peregrinações e cerimónias religiosas que se realizam no dia 13 dos meses de maio a outubro.

COMO FAZER O CAMINHO | Para além da **sinalização** no terreno, é aconselhável conhecer e utilizar a **cartografia**, um instrumento essencial ao longo do seu percurso. Pode atualizar diretamente esta informação em **www.caminhosdefatima.org**

O CAMINHO COMEÇA EM LISBOA, em pleno estuário do rio Tejo, e termina na Cova da Iria, no Santuário de Fátima, junto à Capelinha das Aparições. Parte deste Caminho também é um Caminho de Santiago.


Parque das Nações
Marvila
Xabregas
Alfama
Sé de Lisboa
Jornada
[1]
12,5 km
± 5h00

Jornada 1 | NO CORAÇÃO DE LISBOA

Sé Catedral ➻ Parque das Nações

Este primeiro dia de viagem percorre uma zona urbana, entre a **Sé de Lisboa**, **no centro histórico** da capital e o **Parque das Nações**, já na área oriental da cidade, num percurso de cerca de **12,5 km** com uma duração aproximada de **5 horas.** Trata-se de uma caminhada que lhe permite desfrutar da cidade, desde a antiga colina do Castelo até à zona oriental, percorrendo diversos bairros da frente ribeirinha, onde a relação entre natureza e vida urbana cria ambiências de rara beleza. Este trajeto coincide com o Caminho de Santiago.

O percurso tem um grau de dificuldade fácil. Mas sugerimos uma caminhada lenta, de modo a observar múltiplos e surpreendentes aspetos de um riquíssimo e original património cultural e ambiental.

LISBOA | Implantada no Estuário do Tejo, próximo da foz do rio e do Oceano Atlântico, é a capital de Portugal e o grande centro urbano da Área Metropolitana de Lisboa. Desde a Antiguidade, aqui se fixaram populações atraídas pela situação geográfica privilegiada. A presença romana deu-lhe centralidade e urbanidade. Entre o século VIII e o século XII, configurou-se a cidade muçulmana. Conquistada em 1147 pelo primeiro Rei de Portugal, Afonso Henriques, organizou-se como cidade cristã e no século XIII tornou-se capital do reino.
Palco das viagens marítimas que concretizaram a descoberta de novos mundos e o encontro de diferentes culturas, destacou-se como grande centro mercantil da Europa, onde, no século XVI afluíam produtos exóticos, mercadores, cientistas e artistas. Em 1755, a cidade multicultural foi atingida por um grande terramoto. A reconstrução da área central da Baixa e do Chiado foi implementada com base nos modelos urbanísticos e arquitetónicos da filosofia e da cultura política do Iluminismo, enquanto os bairros da Colina do Castelo foram reconstruídos e restaurados.
Com um rico património histórico-cultural que testemunha a herança da sua ancestralidade, a Cidade das Sete Colinas oferece uma forte relação entre natureza e vida urbana, permitindo experiências inesquecíveis. Lisboa é uma cidade cosmopolita, onde a tradição convive e interage com a inovação.

A **Colina do Castelo** marca o início de um cenário plurifacetado que nos revela a história e as vivências de uma cidade multisecular, onde o denso casario antigo é pontuado por igrejas e palácios monumentais. O percurso tem início na **Sé Catedral**, um dos mais importantes monumentos da cidade. Logo ao lado, encontra-se a **Igreja Santo António**, construída em 1767, no local onde existia uma capela do século XV e que assinala o sítio onde nasceu Santo António de Lisboa.

Contornando o edifício da Sé, pela **Rua Augusto Rosa**, passe pelo **Museu do Aljube** e pare no **Miradouro de**

Santa Luzia, onde se estaca a **Igreja de Santa Luzia** com o painel de azulejos no exterior. Este é um local aprazível com uma vista surpreendente que se estende pelos bairros da colina do castelo e pelo amplo estuário do Tejo. No horizonte, surgem as povoações ribeirinhas da margem sul do rio.

SÉ DE LISBOA | também designada Igreja de Santa Maria Maior, é um monumento de raiz medieval, profundamente associado à história e à identidade da cidade e do país. Implantada na encosta, virada para o rio, foi construída no século XII pelo primeiro rei de Portugal, para acolher a sede do bispado. De fisionomia românica, tem planta de três naves cobertas por abóbadas. Na fachada, emoldurada por duas grandes torres, abre-se o portal românico, encimado por uma rosácea preenchida por vitrais multicolores.

O claustro e a cabeceira (com deambulatório e capelas radiantes) foram construídos nos séculos XIII e XIV e apresentam técnica construtiva da arquitetura gótica (abóbadas de ogivas e arcos botantes) e decoração naturalista. A capela-mor data do século XVIII e foi erguida depois do terramoto de 1755, já com introdução de elementos do Barroco e do Neoclassicismo.

O claustro sobrepõe-se às estruturas romanas da cidade que hoje coexistem e podem ser visitadas. Relevantes são também os órgãos, obras de valor histórico e labor artístico que se encontram colocados no interior da igreja. Faz parte do monumento o Tesouro da Sé, um núcleo museológico constituído por objetos litúrgicos, estatuária e manuscritos.

De seguida, no **Miradouro das Portas do Sol**, ergue-se a estátua de S. Vicente, padroeiro da cidade. Aqui, é impressionante o panorama da cidade multisecular, onde se erguem as torres da Igreja de S. Vicente de Fora e a Cúpula da Igreja de Santa Engrácia. Este é um local para apreciar a cor e a luz de Lisboa.

Descendo pela **Rua de S. Tomé**, o percurso entra no popular **bairro de Alfama**, onde cada recanto surpreende, pelas suas reminiscências mouriscas, cristãs e judaicas. Ruas estreitas, escadinhas, travessas e becos definem um tecido urbano único, de grande valor histórico, cultural e social. Continua pela **Rua das Escolas Gerais**, onde funcionou a primeira Universidade criada pelo Rei D. Dinis no século XIII, e segue pela **Rua do Vigário** e pela **Rua dos Remédios**.

O caminho continua pela **Rua do Paraíso** que o leva ao **Campo de Santa Clara**, onde a popular **Feira da Ladra** se instala, todas as terças feiras e sábados. Com raízes que remontam ao século XIII, aqui se vende uma enorme panóplia de objetos novos e usados.

Dirija-se para a frente ribeirinha oriental, seguindo por antigos caminhos que hoje constituem a Rua do Mirante, Rua de Santa Apolónia e Calçada da Cruz da Pedra. Na Rua Madre de Deus, entra no histórico bairro de **Xabregas,** onde se ergue o **Convento da Madre de Deus**, fundado pela Rainha D.ª Leonor em 1509. Neste notável conjunto artístico, classificado como Monumento Nacional, encontra-se instalado o **Museu Nacional do Azulejo**.

Continuando pela Rua do Grilo, Rua do Beato e Rua do Açúcar, o percurso atravessa núcleos históricos das Freguesias do **Beato** e de **Marvila,** onde edifícios senhoriais convivem com ambiências urbanas e rurais. Ao longo dos anos, aqui se ergueram solares e quintas e se desenvolveram férteis hortas banhadas pelas águas do Tejo. A partir do **Largo do Poço do Bispo**, descobre-se um importante **património industrial** dos séculos XIX e XX, formado por instalações fabris e armazéns que recebiam as matérias–primas e escoavam os seus produtos nas faluas e barcos varinos do Tejo, ou através da via férrea. Com a importante **requalificação urbana** que teve início nos anos 90 do século passado, aqui se instalaram áreas residenciais. Cafés, restaurantes, comércio variado, galerias de arte, ateliers de artistas, empresas inovadoras com uma animada programação cultural conferem a esta zona uma nova centralidade urbana.

Depois da **Rua Fernando Palha**, o Caminho segue pela **Avenida Infante D. Henrique** até à margem do Tejo entrando no **Parque Ribeirinho do Oriente**. Continua pelo bairro do **Parque das Nações**, onde poderá fazer várias pausas e desfrutar da margem do rio. É uma extensa área pedonal, com fontes, jardins temáticos e vários equipamentos, onde se destaca o Pavilhão do Conhecimento/Centro de Ciência Viva, o Oceanário e o Pavilhão de Portugal (edifício emblemático projetado pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira e que se encontra classificado como Património Cultural).

PARQUE DAS NAÇÕES E PAVILHÃO DE PORTUGAL
| Esta parte da cidade tem origem na Exposição Mundial que se realizou em Lisboa no ano de 1998 (EXPO 98), dedicada ao tema "Os Oceanos: um Património para o Futuro". Este evento permitiu a reconversão urbanística de uma extensa área na zona oriental, ocupada por equipamentos industriais abandonados. As condições da paisagem e a qualidade do conjunto paisagístico e edificado do novo bairro, designado Parque das Nações, atraíram muitos moradores a esta zona da cidade. Grandes áreas de lazer contribuem para uma relação privilegiada com o rio Tejo, com destaque para o Jardim Garcia de Orta.

Nesta paisagem urbana, a arquitetura contemporânea, com variadas tipologias e expressões, é da autoria de arquitetos de referência internacional. Os modernos equipamentos suscitam um olhar atento e alguns merecem visita demorada. O Pavilhão de Portugal tem uma presença forte e um significado especial. Da autoria do arquiteto português Álvaro Siza Vieira, amplamente distinguido e reconhecido no panorama internacional, estabelece uma relação privilegiada com a água. A grande pala aberta no exterior, depurada e bela, acolhe o transeunte. É um marco relevante e também ponto referencial no Caminho do Tejo. Encontra-se classificado como Monumento Nacional.

38°45'55" N 9°5'41" W

Desde o Pavilhão de Portugal, pode dirigir-se à frente de água, passando pelo **Jardim Garcia de Orta** e seguindo para a berma do rio. Sempre ao longo da margem do Tejo, com o amplo **Estuário** e o **Mar da Palha** no horizonte, segue-se um extenso percurso pedonal, arborizado e com amplos terraços ajardinados. Este é um cenário simultaneamente repousante e vibrante, que nos lança para a dinâmica do caminho a percorrer.

Prosseguindo a caminhada pelo **Passeio das Tágides**, entra-se no **Passeio do Tejo**. Por aqui, a arte urbana está na rua, valorizando as praças e os jardins por onde passamos, acompanhando-nos, num percurso que segue junto à margem, percorrendo os passadiços de madeira e caminhos pedonais. Aproximamo-nos da **Ponte Vasco da Gama**, inaugurada em 1998 para unir as duas margens do rio e intensificar a ligação entre o norte e o sul da grande área metropolitana de Lisboa.

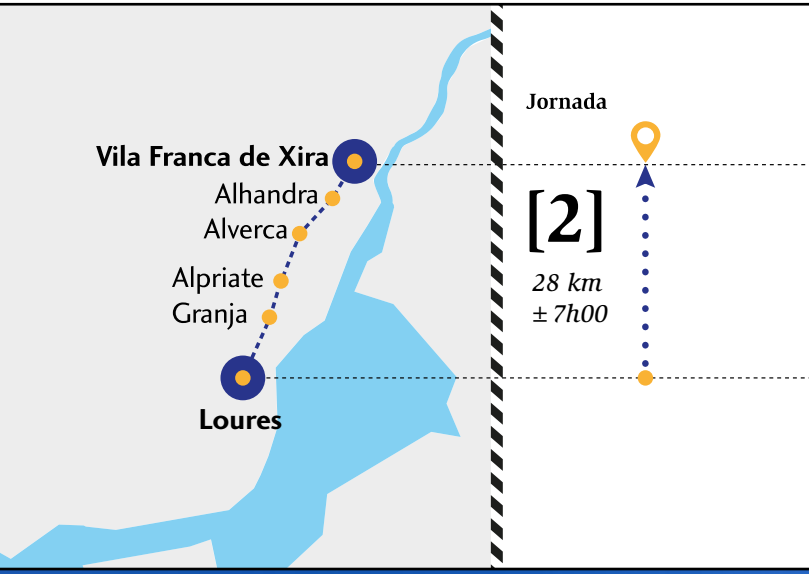
➻ 38°47'5" N 9°5'46" W

No final do **Jardim do Passeio dos Heróis do Mar**, encontra a **Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes**, onde pode ter acolhimento religioso.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES é a sede de uma nova paróquia de Lisboa, formada em 2003 no Parque das Nações, na zona oriental da cidade. Esta zona foi urbanizada no contexto da Grande Exposição Internacional de 1998. A igreja e os espaços anexos que servem a atividade paroquial formam um grande edifício moderno, da autoria do arquiteto José Dias Coelho, inaugurado em 2014. É um exemplar de arquitetura religiosa contemporânea, com exterior depurado e interior de grande ambiência espiritual, com capacidade para 1300 pessoas.

De forma circular, o templo, cuja entrada principal apresenta uma cruz vazada, emerge na paisagem com a sua grande torre de cerca de 40 metros de altura, evocando a forma de um navio e relembrando a vocação marítima portuguesa. No interior, os bancos abraçam o altar, exprimindo um ambiente de verdadeira contemplação e ecumenismo. As referências artísticas que pontuam o espaço são da autoria do escultor Alípio Pinto e evocam os mistérios do Rosário. Merecem destaque o retábulo principal do altar mor, alusivo à transfiguração de Cristo, e o grande vitral sobre o sacrário.

A partir da Igreja dos Navegantes, prosseguindo pelo **Passeio do Tejo**, o Caminho segue para o **Parque Tejo-Trancão**, uma extensa área verde de lazer, desenhada para a Jornada Mundial da Juventude de Lisboa, em 2023. Junto à ponte pedonal sobre o **rio Trancão**, um afluente do Tejo, termina esta primeira jornada. Em Sacavém, já em território do município de Loures, encontrará apoio logístico variado.



38° 47'45.8"N 9° 05'38.2"W

Jornada 2 | PELO ESTUÁRIO DO TEJO

Loures ➻ Vila Franca de Xira

Este segundo dia de viagem, decorre em territórios dos municípios de **Loures** e **Vila Franca de Xira.** Esta parte do Caminho inscreve-se num cenário marcado pela incomparável beleza da paisagem do **estuário do Tejo**, onde a água é povoada de mouchões ou pequenas ilhas e os afluentes e braços de rio formam os esteios que recortam as margens. Na frente ribeirinha, predominam as várzeas, onde se revelam os povoados e se mantem o ecossistema natural da variada fauna e flora tradicional. As encostas formam uma moldura natural, com oliveiras centenárias, onde se desenha o casario pontuado de antigas quintas e onde se erguem igrejas, ermidas e fontanários. Esta jornada tem troços exclusivamente pedonais e troços mistos.

O trajeto apresenta duas alternativas: um percurso através de sucessivos **passadiços ribeirinhos** junto à margem do Tejo ou uma **caminhada pelo interior**.

➻ 38°56'12" N 9°0'3" W

Se optar pelos **passadiços ribeirinhos**, atravesse a ponte pedonal sobre o rio Trancão e siga junto à margem do rio, num percurso com cerca de **28 km**, com uma duração aproximada de **7 horas**. Estes passadiços ribeirinhos por território dos municípios de Loures e de Vila Franca de Xira inserem-se em zonas de grande importância ecológica e ambiental (caniçal, juncal e sapal). Permitem a observação dos habitats e da moldura paisagística ímpar ao longo da linha de costa do estuário do rio Tejo. Contemplam ciclovias, zonas cobertas e plataformas de madeira com bancos para descanso que possibilitam ainda a prática da pesca artesanal. O **Percurso Ribeirinho de Loures** tem cerca de 6,1 km, atravessa Sacavém, Bobadela, São João da Talha e Santa Iria da Azóia. Segue-se o **Parque Linear Ribeirinho do Estuário do Tejo,** já no município de Vila Franca**,** com cerca de 20 km**,** terminando esta nossa segunda jornada no Jardim Constantino Palha, em Vila Franca de Xira**.**

Se preferir fazer a **caminhada pelo interior** do território, este itinerário corresponde a um percurso com cerca de **30 km**, com uma duração aproximada de **7 horas**. Comece no **Museu da Cerâmica de Sacavém**, que se dedica ao estudo e musealização da antiga Fábrica de Loiça de Sacavém bem como do património industrial desta região. Aqui poderá carimbar a sua Credencial do Peregrino.

38°56'14" N 9°0'1" W

FÁBRICA DE LOIÇA DE SACAVÉM | A história da produção cerâmica em Portugal no século XIX está profundamente ligada à existência da Fábrica de Loiça de Sacavém, criada em 1850 pelo industrial vidreiro Manuel Joaquim Afonso e instalada na Quinta da Aranha junto à Estação do Caminho de Ferro. Em 1863, foi vendida ao industrial britânico John Stott Howorth, que viera para Portugal para instalar as linhas de caminho de ferro. Naturalizou-se português e veio a ser agraciado com o título de Barão de Sacavém. A Real Fábrica modernizou o equipamento e atraiu artesãos. Foi um dos grandes centros de produção de cerâmica utilitária e de azulejaria em Portugal, com destaque para os grandes painéis da Estação de S. Bento no Porto. Teve projeção com encomendas internacionais. Manteve-se em funcionamento até 1983.

MUSEU DE SACAVÉM é hoje o equipamento que dá a conhecer esta relevante herança cultural. Instalado pela Câmara Municipal Loures e dedicado ao património industrial, é um exemplo da atual museografia. Distinguido com prémio internacional, preserva coleções de cerâmica e vasto espólio documental, que apresenta em espaços expositivos. Possui centro de documentação e serviços educativos com grande atividade junto de visitantes e escolas.

Perto, fica a **Igreja Matriz de Sacavém** que merece uma paragem. Pertence ao antigo conjunto conventual, dedicado a freiras da regra de Santa Clara, chamado **Convento de Nossa Senhora da Conceição dos Mártires e dos Milagres**. Aprecie a elegância e sobriedade da arquitetura maneirista, cujo claustro preserva painéis de azulejos de padrão dos séculos XVII e XVIII.

O Caminho prossegue, por vezes com troços mistos que integram estradas, vias locais e velhos caminhos de pé posto. Em marcha, fixamos o olhar na paisagem ribeirinha, de várzeas férteis, rica em património natural e construído.

A paisagem é composta pelas encostas dos rios **Tejo** e **Trancão** e das **ribeiras de Alpriate** e dos **Caniços**, onde emergem oliveiras centenárias. Nas baixas húmidas destes cursos de água, em terrenos de transição entre o meio aquático e o meio terrestre, subsistem as hortas e plantas que precisam de maior quantidade água.

Pela encosta que emoldura o cenário, vislumbram-se sinais da antiga ruralidade. Ao longo do percurso, pode deter-se na sua caminhada para observar núcleos tradicionais que pertenceram a antigas aldeias e memórias históricas das **quintas setecentistas**, com as suas árvores, muros e portões caraterísticos.

Atravesse a ponte velha sobre o **rio Trancão**, siga o percurso sinalizado, também marcado em pormenor na cartografia disponível *online*, e prossiga junto à base da encosta. Entre árvores (freixos e tamargueiras), irá percorrer o dique que borda a margem esquerda do Trancão. Na meia-encosta, avista-se à distância, na margem esquerda do rio, a **Quinta da Malvasia** e, mais ao longe, entre olivais, na **aldeia de Unhos**, evidencia-se a torre seiscentista da **Igreja de São Silvestre**.

Avance ao longo da **Várzea do Trancão**, sempre com a encosta verde do território natural à sua direita.

Mais à frente, em **Granja de Alpriate**, pode interromper a caminhada para conhecer alguns aspetos deste património cultural. As primeiras referências à Granja, que viria a pertencer aos Templários e à Ordem de Cristo, surgem-nos no século XII, enquadradas num contexto de repovoamento do território.

Junto das margens verdejantes e férteis da **ribeira de Alpriate**, localiza-se a **Quinta do Brasileiro**, uma propriedade agrícola com a sua residência, remodelada e ampliada durante os séculos XVIII a XX. Chega-se à antiga **Quinta do Monteiro-Mor**, através da caraterística alameda. Aqui, apesar do estado de profunda degradação do edificado, poderá tomar contacto com a estrutura setecentista desta antiga quinta de recreio que evoca a interligação com a ribeira e o aglomerado. Na Granja pode também conhecer a elegante **Capela de São Sebastião**, com torre sineira e alpendre seiscentista com arcada tripla na fachada.

No núcleo urbano da antiga aldeia de **Alpriate**, cujo passado e herança se ligam com atividade piscatória, restam algumas barcas que se dedicam à captura de linguado, robalo e enguia. Na povoação, pode contar com algumas estruturas de apoio e fazer uma pausa. Prossiga até descer o dique, junto ao Vale da Figueira, conforme está sinalizado.

Em **Vialonga** (topónimo derivado da longa via romana que foi aberta no vale e que dava acesso a Olisipo, nome romano de Lisboa), poderá visitar, no centro da povoação: a **Capela de Santa Eulália**, de finais do séc. XIII e reformulada no XVIII; e a **Igreja matriz**, quinhentista, dedicada a Nossa Senhora da Assunção, com o interior revestido com talha seiscentista e azulejos do século XVIII que narram as passagens mais importantes da vida da Virgem.

Sugere-se uma passagem por **Verdelho do Ruivo**, para ver a **Capela de Santo António,** na **Quinta do Caldas** que, no século XVI, pertenceu a Frei Bartolomeu dos Mártires. Nesta localidade podem ser visitadas (sempre mediante autorização prévia) diversas quintas e propriedades, fundadas por ordens religiosas e famílias nobilitadas, que representam exemplares característicos da arquitetura rural com valor histórico-cultural.

Ao sair de Vialonga, tome a direção de **Póvoa de Santa Iria**, atravessando a variante e continuando por uma estrada bordejada de oliveiras. Aproveite para visitar a **Igreja Matriz de Nossa Senhora de Fátima**, da autoria do arquiteto José Bastos e inaugurada em 1956. De destacar, ainda, a **Quinta da Piedade**, um conjunto setecentista

constituído por Solar, Igreja dedicada a Nossa Senhora da Piedade, Ermida da Senhora da Piedade, Ermida do Senhor Morto e o Oratório de São Jerónimo, onde se encontram instalados equipamentos culturais.

O Caminho prossegue, com troços mistos e alguma fragmentação, situação corrente na envolvente de áreas urbanas. Dirigindo-se novamente ao **Estuário do Tejo**, depois de atravessar áreas das freguesias de Vialonga e da Póvoa de Santa Iria, chegará a **Forte da Casa**, atingindo novamente a margem do Tejo, depois de ultrapassar a linha do Caminho de Ferro. A paisagem é marcadamente aquática e os grandes **mouchões** (ilhas no estuário) já têm presença.

ESTUÁRIO DO TEJO é o amplo território aquático que liga este rio ao mar. À medida que se aproxima da foz, o Tejo alarga-se em extensão, ribeiras e braços de rio. Trata-se da maior zona húmida de Portugal, onde rio e mar interagem, e também do maior estuário da Europa. É composto por diversas áreas, entre as quais a designada por Mar da Palha. De elevado valor biológico e económico, é uma espécie de "grande mar" que se desenha entre as duas margens. Marca a história e a vida de uma parte significativa do território e das comunidades da área metropolitana de Lisboa.

MOUCHÕES DO TEJO são pequenas ilhas em pleno estuário, ocupadas por vegetação endógena, pastagens e terrenos húmidos, arenosos, argilosos e mistos. Devido à irrigação e de acordo com a extensão de cada mouchão, podem ser adequados ao cultivo da terra e tornar-se amplamente produtivos. Fazem parte da dinâmica associada ao equilíbrio e fragilidade do ecossistema em que se inserem. Por isso a sua manutenção e proteção são necessárias.
Nos Mouchões é possível observar belos exemplares de aves aquáticas, que encontram aqui um local ideal para repousarem e se alimentarem nos seus percursos de migração da Europa para a África Ocidental, designadamente Flamingos, Garças, Patos, Alfaiates, Maçaricos e Pilritos que se alimentam nas lamas (vasas entre marés) e descansam nos principais habitats e povoamentos vegetais.

O Caminho continua para **Alverca do Ribatejo**, atravessando a zona de sapal. Em Alverca, pode visitar um importante núcleo do **Museu do Ar**, chegando ao local através da passagem pedonal sobre a linha do caminho-de-ferro. São ainda de destacar as **Salinas de Alverca e do Forte da Casa**, um sítio localizado na margem direita do Estuário do Tejo, composto por salinas e campos agrícolas e classificado como área importante para a preservação das aves. No centro histórico da vila, pode conhecer: a **Igreja Matriz** dedicada a São Pedro, de fundação árabe e reformada no século XVIII, a **Igreja dos Pastorinhos** (o primeiro templo dedicado aos pastorinhos de Fátima,

Francisco e Jacinta, e que possui o segundo maior carrilhão da Europa), a **Igreja da Misericórdia**, construída no século XVII e o **Pelourinho** do século XVI em frente da antiga **Casa da Câmara.**

Retome o seu itinerário e percorra o **Caminho entre Alverca do Ribatejo e Vila Franca de Xira**, uma distância de 7,5 km, a percorrer em cerca 2 horas. Este é um percurso pedonal ao lado do rio Tejo, percorrido por muitos populares que passeiam a pé ou de bicicleta, fazem *jogging* ou piqueniques ou, simplesmente, descansam. O rio vive o bulício dos que praticam canoagem, vela e pesca desportiva. Sugerimos uma paragem em **Alhandra** para visitar a **Casa-Museu Dr. Sousa Martins**, que exibe o acervo pessoal deste extraordinário reformador médico português que divulgou internacionalmente as medidas higienistas e preventivas de promoção da Saúde, bem como a **Capela de Nossa Senhora da Conceição** ou a **Igreja de Nossa Senhora da Guia**. Em **Alhandra**, pode ainda descansar ou partir à descoberta da imponente **Igreja Matriz**, de invocação a São João Baptista, fundada em 1558 pelo Cardeal D. Henrique.

A partir de **Alhandra**, o percurso segue pelo **Caminho Pedonal Ribeirinho**, sempre à beira rio. A paisagem é serena e límpida. Antes de chegar a **Vila Franca**, pode observar, à sua esquerda, para além do Caminho de Ferro, a **Quinta do Paraíso**, onde terá nascido Afonso de Albuquerque.

Ao longo da sua caminhada, pode fazer uma pausa na **Fábrica das Palavras**, a moderna biblioteca municipal. Aqui, os livros são tema para muitas e variadas atividades.

É um lugar de inspiração e beleza, mas também um ótimo local para estender o olhar sobre a paisagem envolvente.

No final desta segunda etapa ou jornada, a **cidade de Vila Franca de Xira** é local de acolhimento. Aqui encontra as infraestruturas necessárias para pernoitar e retemperar energias. O seu ponto de chegada é o aprazível **Jardim Municipal Constantino Palha**.

Entre na cidade e encontre a **Igreja Matriz**, seiscentista, de invocação de São Vicente. Bem perto, encontra ainda a **Igreja da Misericórdia** e o **Museu de Arte Sacra** que conserva um acervo de referência. Ao lado, no **Largo da Câmara**, surge um conjunto distinto da herança manuelina: o **Pelourinho** e a **Igreja de São Sebastião**, emoldurados pela **Casa da Câmara**.

Se o dia for longo, pode ainda dedicar o seu tempo a conhecer a história e a dinâmica cultural. Caso prefira descansar, também pode iniciar o dia seguinte com a descoberta da cidade.

Vila Franca nasceu na primeira tentativa de colonização daquela região por cruzados franceses no século XII. Foi Comenda da Ordem de Cristo e deve o seu nome à nacionalidade dos cruzados (francos) que auxiliaram os primeiros reis de Portugal na reconquista e povoamento do território e à mata que dominava naqueles terrenos incultos, a *cira*, ou *xira*. Afirmou-se como grande centro urbano da área metropolitana, sem perder a sua identidade como cidade ribeirinha ligada ao Tejo e à faina fluvial.

BARCOS DO TEJO: PERCURSO FLUVIAL | O rio Tejo é percorrido por cacilheiros, ferries, barcos, navios, embarcações desportivas e outras de cruzeiro. Todavia, nas povoações ribeirinhas das margens do estuário, permanecem ainda alguns exemplares de embarcações tradicionais, como Catraios, Canoas, Varinos, Traineiras (para a pesca de sardinha, sargo, badejo e espadarte) e barcos mais pequenos, para a captura de polvo e lulas. O barco varino "Liberdade", uma das embarcações que fazia parte do tráfego fluvial de transporte de mercadorias, foi transformado em Núcleo Museológico do Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Com os seus dezoito metros, quarenta toneladas, duas velas, proa alta e fundo chato, esta embarcação volta ao rio, nos meses de maio a outubro, para navegar nos baixios e dar a conhecer a paisagem natural da excecional Reserva Natural do Estuário do Tejo, circulando por entre os mouchões que se avistam entre Vila Franca de Xira e Valada do Ribatejo.

RESERVA NATURAL DO ESTUÁRIO DO TEJO | é um espaço ambiental classificado e protegido que abrange território de municípios da margem sul (Alcochete, Benavente) e da margem norte (Vila Franca de Xira).
A Reserva inclui águas estuarinas, campos envolventes, esteiros, mouchões, sapais, salinas e terrenos aluvionares agrícolas. Abriga espécies caraterísticas, como o linguado, o robalo camarão-mouro, a lampreia, a enguia. No que respeita à avifauna, salienta-se o vasto número de espécies invernantes. São também abundantes a águia pesqueira e os flamingos.

Merecem visita atenta o **Museu Municipal**, organizado em vários núcleos temáticos, e o **Museu do Neorrealismo**, instalado desde 2007 num edifício contemporâneo. Este último centra-se numa temática relevante para a história da cultura, da sociedade e das artes em Portugal no século XX. Possui importante documentação e um notável acervo de obras de arte, com especial interesse no que diz respeito à literatura e às artes plásticas.

Na zona ribeirinha pode conhecer ambiências tradicionais da antiga faina ribeirinha. A partir do cais de Vila Franca pode aceder-se a alguns mouchões.

Não deixe de visitar também a **Estação de Caminhos-de-Ferro** e o **Mercado Municipal**, cuja arquitetura é sublinhada pela qualidade artística dos **painéis de azulejos** que se distinguem pela temática e pela qualidade artística. Da autoria do pintor Jorge Colaço, os painéis da Estação do Caminho de Ferro, em azul e branco, evocam paisagens e cenas caraterísticas da agricultura na Lezíria Ribatejana. A este ciclo temático pertencem também os painéis do **Mercado Municipal**, da autoria de Álvaro Pedro Gomes.

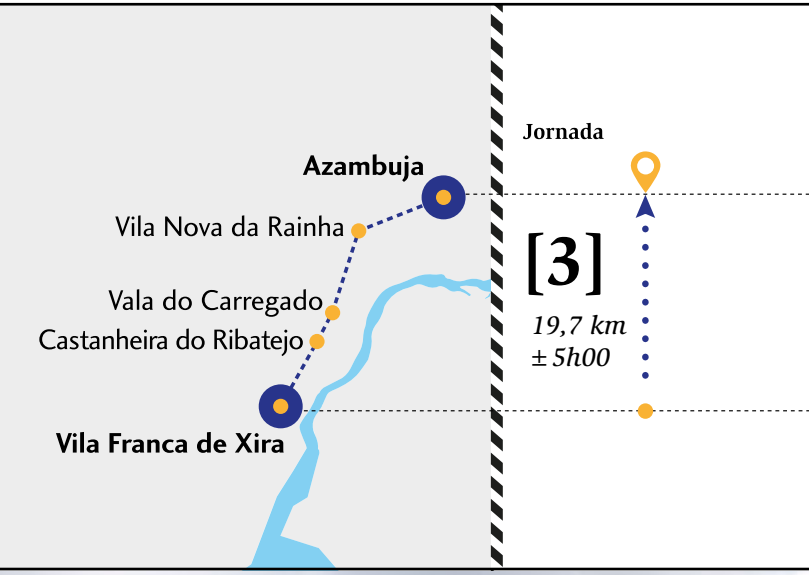
AZULEJARIA: ARTE E HISTÓRIA | A azulejaria é uma área relevante da produção artística portuguesa. Com origem na cerâmica mediterrânica e, em especial, por influência dos grandes centros de produção do sul da Península Ibérica no século XV, foi assumida como um verdadeiro suporte artístico de expressão nacional a partir do século XVI. Durante os séculos XVII e XVIII, os grandes conjuntos azulejares (nas tipologias de painel e de padrão), revestiram os sumptuosos interiores de igrejas e palácios, criando verdadeiros ambientes de estética barroca.
Os séculos XIX e XX permitiram um alargamento da produção com o desenvolvimento da produção semi-industrial e industrial, afirmando qualidades técnicas e estéticas amplamente desenvolvidas pela indústria nacional, para a qual foram chamados a participar pintores e ceramistas relevantes, como Jorge Colaço, Jorge Barradas ou Almada Negreiros.
O azulejo torna-se uma das principais artes no espaço público, revestindo e embelezando fachadas urbanas e edifícios públicos, tanto na modalidade de padrão estampilhado de génese industrial, como na tipologia de painel composto por grandes conjuntos temáticos, de caráter ilustrativo, pintado à mão.

Se dispuser de tempo e interesse para conhecer outros lugares deste município, nos arredores pode visitar as ruínas do antigo **Palácio Farrobo**, construído no século XIX pelo 1º conde de Farrobo, uma destacada figura ligada à cultura e que neste edifício criou um pequeno teatro, onde atuaram numerosas companhias de ópera italianas.

Nas imediações, pode deslocar-se à **aldeia de Povos**, que teve foral dado por D. Sancho I em 1195, certificando a importância estratégica do burgo e do seu castelo, erguido no alto do monte do **Senhor da Boa Morte**.

O **pelourinho manuelino**, que se ergue diante da antiga **Casa da Câmara**, no **Largo da Forca**, reafirma-nos o dinamismo do burgo, onde, perto do rio, foi construída, em 1729, a **Quinta da Real Fábrica dos Atanados**,

por João Mendes de Faria Barbosa, uma das importantes fábricas de curtumes que esteve em funcionamento até à década de 1940. O fervor devocional mantém-se vivo na Procissão do Senhor Jesus da Boa Morte que se realiza anualmente na quinta-feira da Ascensão, com um cortejo que sai da **Igreja da Nossa Senhora da Assunção** em direção ao **Santuário no Alto do Monte**. Bem perto, visite as ruínas do **Palácio dos Condes de Castanheira** e um conjunto de **sepulturas antropomórficas** escavadas na rocha.



39°1'16" N 8°57'1" W

Jornada 3 | ESTEIROS E VALADAS

Vila Franca de Xira ➻ Azambuja

Entre **Vila Franca de Xira** e **Azambuja**, podem ser percorridos cerca de **19,7 km** em aproximadamente **5 horas**.

O percurso é emoldurado, a nascente, pela característica paisagem da **Lezíria do Tejo**, sulcada por esteiros e valadas, onde se erguem freixos e canaviais. A poente, a moldura é desenhada pelas serranias, onde emergem pinheiros e sobreiros.

Ao longo desta etapa, natureza e paisagem envolvem-nos. Poderemos mesmo percorrer uma parte da Vala do Carregado, tal como depois a Vala Real da Azambuja, onde a proximidade da água é marcante. Mas a paisagem urbana histórica também apresenta motivo de contemplação, nomeadamente os núcleos junto das velhas quintas e o património cultural edificado das aldeias e vilas, como Vila Nova da Rainha e Azambuja, onde as igrejas e equipamentos culturais são elementos de referência essencial.

Neste dia, continuará a descobrir o território envolvente da margem norte do Tejo, emoldurado pelas serranias a poente. Nos campos, sulcados por valados, predominam as culturas de regadio. Depois das colheitas, o gado desce das encostas para se alimentar e aproveitar a resteva. Ao longo do **dique do Tejo** surgem freixos,

➻ 38°57'40" N 8°58'47" W

canas e lírios-de-água amarelos e, nas encostas e serranias, avistam-se pinheiros-bravos e pinheiros-mansos.

Pode organizar a sua caminhada com marcha lenta e as devidas paragens, necessárias para a contemplação que o percurso merece. O caminho é fácil, mas exige alguma atenção e sentido de orientação. Por isso, voltamos a recomendar a cartografia pormenorizada, facilmente acessível. Sugerimos uma caminhada dividida em três troços, com paragens entre cada um deles.

Para sair da cidade de **Vila Franca de Xira,** dirija-se ao **Jardim Municipal** (Jardim Constantino Palha). Em passo moderado, pode fazer o primeiro troço entre este Jardim e a Vala do Carregado. Tem uma distância a percorrer de 6 km que pode durar cerca de 1 hora.

Saindo do **Jardim Municipal de Vila Franca de Xira**, avance e passe sob a **ponte Marechal Carmona**, tomando a direção de **Castanheira do Ribatejo** e **Carregado**.

Aqui, o Caminho apresenta diversidade de paisagem natural e de periferia urbana. O destino é **Vala do Carregado**, onde encontra locais adequados para descanso e pequenos cafés. Pode ficar a conhecer a Vala do Carregado e o seu enquadramento no sistema hídrico do Tejo e na ligação com outras povoações ribeirinhas.

A partir da **Vala do Carregado** pode iniciar o segundo troço desta caminhada e percorrer 4 km durante cerca de 1 hora até chegar a **Vila Nova da Rainha**. O Caminho desenha-se ao longo da estrada, bem ensombrada, acompanhando a **Vala**.

Se fizer um pequeno desvio, pode conhecer algum património cultural do **Carregado**. Este é um dia calmo que lhe permite ajustar a sua caminhada. Assim, junto da **Central Termoelétrica do Carregado**, bem visível com as suas imponentes chaminés, sugerimos-lhe que faça um desvio até ao **Carregado**, pela importância do seu património paleontológico e arqueológico. Propomos-lhe uma visita à **Quinta da Condessa**, fundada em finais do século XVII, sob o nome de Prazo do Mestre ou Quinta do Carregado. Foi sua fundadora a condessa da Lousã, D. Mariana Joaquina de Basto Barém (filha de Luís António de Basto Barém, alcaide-mor da vila de Linhares, que aqui instituíra um morgadio, em 1715). Integra a **Capela de São Sebastião**, mandada erguer por Manuel Correia de Meneses Barém e sua mulher, D. Joana de Távora, em 1669. Em 1877, a Quinta foi adquirida pela família Pinto Barreiros e transformou-se numa importante ganadaria.

Na vila do **Carregado**, junto à Estrada Nacional, poderá ainda visitar a **Quinta de Santo António**, construída em finais do século XIX pela família Vaz Monteiro, cuja ganadaria se estreou em 1848.

O património municipal classificado inclui também a **Quinta do Campo**, pertencente ao Marquês de Castelo Melhor e ao Visconde da Várzea. Pode ainda dirigir-se à **Igreja Paroquial de Nossa Senhora de Fátima**, inaugurada em 1956, após a dissolução da paróquia de Nossa Senhora da Assunção de Cadafais, apresentando-se como um novo centro de manifestação cristã.

De volta à Central Termoelétrica, prossiga em frente, pela berma do lado esquerdo de uma estrada alcatroada, com algum trânsito que exige atenção redobrada. Assim, chegará a **Vila Nova da Rainha**.

Vila Nova da Rainha é historicamente documentada desde o século XIII. Em 1375, o rei D. Fernando, que aqui chegou a passar algum tempo, deu carta de privilégio aos moradores, concedendo jurisdição e termo próprio à Vila. Alegria que sairia fortalecida, porque nesse ano concretizaram-se os esponsais entre D. Nuno Álvares Pereira e Dona Leonor de Alvim, na **Igreja de Santa Marta**, atual matriz. O templo, com fachada rematada por uma cruz e enquadrada por uma torre lateral, ergue-se numa pequena colina. Em 1916, foi fundada em Vila Nova da Rainha a primeira Escola de Aeronáutica Militar.

O PORTO DE VILA NOVA DA RAINHA teve um papel muito importante na circulação de pessoas e bens e foi também gerador do desenvolvimento do próprio núcleo urbano. Durante a Idade Média, mas sobretudo a partir do século XVI, afirmou-se como um centro de distribuição e circulação de pessoas e bens e foi ganhando importância no contexto nacional e regional.

Ao cais fluvial chegavam e partiam pessoas e bens provenientes de várias partes do país, nomeadamente da capital, que sulcavam o Tejo e os seus afluentes e canais, nos caraterísticos barcos de lazer e de transporte. Destacam-se populações, peregrinos e viajantes, que aqui desembarcavam para continuar os seus itinerários por estrada para cidades e vilas da região do Oeste, nomeadamente para a importante vila de Caldas da Rainha, fundada em 1511, a partir da construção do seu Hospital Termal em 1485, pela rainha D. Leonor.

O porto articulava-se com o itinerário da **Estrada Real**, um importante eixo de circulação no sistema viário nacional que se implementou desde o final do século XV, para as deslocações da corte no território nacional. Deste sistema viário persistem ainda os caraterísticos marcos, com sinalização e a indicação das distâncias.

Depois de uma pausa nesta localidade, deixe **Vila Nova da Rainha** e siga para a vila de **Azambuja**. A distância de 7 km demorará cerca de 1 hora e 30 minutos a percorrer. Deverá sair de **Vila Nova da Rainha** apanhando novamente a Estrada Nacional para norte, em direção à **Azambuja**. É uma estrada com muito movimento, mas com bermas largas, onde é possível caminhar com alguma segurança, sempre do seu lado esquerdo.

Depois de andar pouco mais de 1 km, encontrará a **Quinta das Cabanas da Rainha**, uma propriedade privada que se destaca pelos importantes revestimentos azulejares, dos séculos XVII ao XX, que decoram os interiores da casa de habitação.

39°1’40” N 8°56’35” W

Continuando o seu percurso, chegará à **Azambuja**, cuja história remonta ao período de formação do reino de Portugal e da reconquista e organização do território. Na origem, foi *Oleastrum* do Império Romano e acabaria por chamar-se *Azz-Abuja* no período muçulmano. Reconquistada aos mouros por D. Afonso Henriques, foi doada por D. Sancho I ao cruzado Childe Rolim, filho do conde de Chester, em 1200, pelos seus auxílios durante o cerco de Lisboa.

Justifica-se uma paragem para visita a alguns monumentos. Comece pela **Igreja Matriz**, cuja origem remonta ao século XIII, numa época em que a povoação teve estatuto de "vila franca". Dedicada a Nossa Senhora da Assunção, é um edifício dos séculos XVI, XVII e XVIII com painéis de azulejos e talha barroca no interior. Junto da Igreja, na **Praça do Município**, fica o **Pelourinho manuelino**, assinalando o foral dado pelo rei D. Manuel I em 1513.

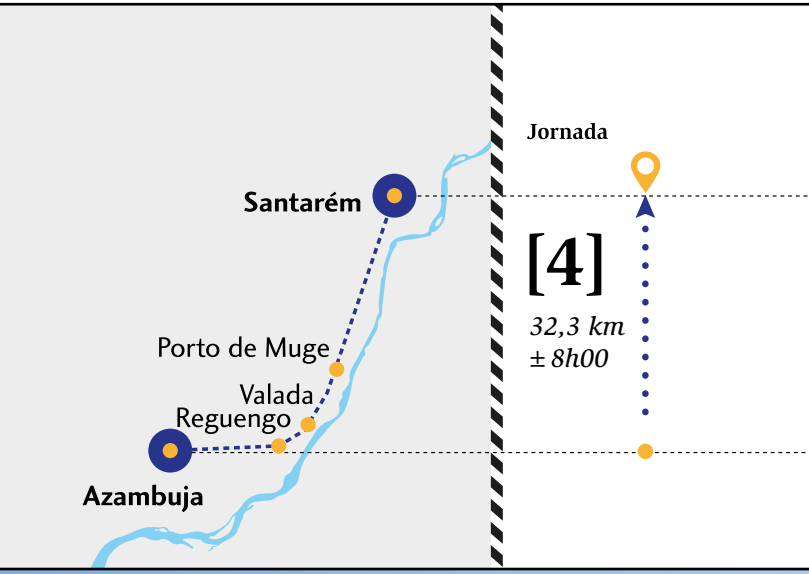
39°4'10" N 8°52'7" W

➻ 39°4'9" N 8°52'6" W

O edifício da **Misericórdia** tem origem no primeiro hospital, fundado em 1304 por Pedro Estevães do Sobral e sua mulher, Esteva Fernandes. Este hospital acabaria por ser entregue à Irmandade do Espírito Santo, que edificou uma capela para os ofícios religiosos. Em 1552, os Irmãos decidiram instituir a Irmandade de Misericórdia, ficando com a responsabilidade dos edifícios associados à saúde e à assistência.

Em meados do século XVI, o templo foi reconstruído, relevando-se a simplicidade das linhas clássicas das suas fachadas. No interior, destacam-se elementos artísticos de grande erudição, como a azulejaria, os revestimentos de talha dourada e as pinturas retabulares sobre madeira, designadamente a **"Árvore de Jessé"** do altar de Nossa Senhora do Rosário, executado em 1595 por Simão Rodrigues, e a pintura a óleo **"Calvário"**, no altar do Senhor Jesus das Chagas, atribuída a André Reinoso, do início do século XVII.

No final desta caminhada, poderá pernoitar e retomar energias nesta vila onde tem todas as estruturas de acolhimento. Ficará retemperado para prosseguir mais uma jornada e talvez motivado para voltar e descobrir o território do **município da Azambuja** que preserva um importante património civil e religioso, disperso pelas suas freguesias. Neste âmbito, é motivo de retorno para visita demorada e atenta o **conjunto monumental de Pina Manique**, inserido nos modelos da arquitetura e do urbanismo de matriz pombalina, associados aos ideais do Iluminismo.



39°3'31" N 8°51'16" W

Jornada 4 | PELA LEZÍRIA

Azambuja ➻ Santarém

Entre **Azambuja** e **Santarém**, tem cerca de **32,3 km** que podem ser percorridos em aproximadamente **8 horas**.

O Caminho continua sempre em plena **Lezíria do Tejo,** território onde predominam planícies banhadas pela água que irriga e fomenta a agricultura dos férteis campos. Muitas vezes, esta paisagem, de planície aluvionar, é compartimentada por sebes formadas por espécies indígenas.

Ao longo das margens do rio, onde freixos frondosos ensombram as margens, podem surgir aprazíveis praias fluviais. O fenómeno cíclico histórico que, devido às cheias, faz alterar as margens do rio e seus afluentes e dá origem à construção de diques, imprime carácter a muitas aldeias e lugares, como **Reguengo, Valada do Ribatejo** ou **Porto de Muge**.

Ao longo da caminhada, sobre o dique, surgem algumas das mais impressionantes paisagens de todo o percurso. No troço final da etapa, **Santarém**, com a sua forte presença urbana sobre o rio, perpetua a memória ancestral ligada à navegabilidade regular do Tejo e guarda um rico património cultural multisecular.

LEZÍRIA | Campo que corresponde às **terras inundáveis das margens do Tejo** e dos seus principais afluentes. A água é aqui um expressivo modelador da paisagem. A paisagem é recortada por rios, ribeiras e valas que irrigam os terrenos e criam condições para atividades agrícolas e piscatórias.

As cheias, que condicionam o uso da terra, são também motivo de produtividade agrícola. Predominam os cereais (trigo e cevada), a vinha e o milho. O girassol e o milho têm boas condições de expansão e as culturas do melão e do arroz revestem-se de alguma importância, encontrando-se esta última novamente em recuperação. Por aqui, encontra um *habitat* muito especial, onde o modo de vida exprime as condições da natureza.

Propomos-lhe que faça a sua caminhada diária em três troços, com paragens intermédias.

Entre a **Estação da Azambuja** e a **Quinta do Alqueidão**, uma distância de 6, 5 km, irá percorrer o **primeiro troço**, durante 1 hora de marcha.

Saindo da **Azambuja** pela passagem superior sobre a linha de caminho-de-ferro, junto da estação, siga em direção à **Vala da Azambuja**, onde pode caminhar pelas bermas que marginam a estrada, densamente arborizada com choupos e eucaliptos.

As valas do sistema hídrico do Tejo foram criadas para uma melhor gestão do território, fortemente dominado pelo fenómeno cíclico das cheias que alagam os campos de cultivo e algumas povoações mais expostas à riqueza sedimentar do Tejo, estabelecendo a transição entre o Litoral e o Interior. Os terrenos de aluviões, profundos e férteis, são os que têm maior produtividade agrícola, onde se praticam os regadios mediterrânicos.

De Sul para Norte encontra uma paisagem humanizada, com diversos aglomerados populacionais, onde imperam as culturas de tipo mediterrânico como o olival, trigo, vinhas, e uma mancha florestal constituída por pinheiro e eucalipto.

Neste território desenvolve-se uma fauna diversificada (a Rã-verde, a Sardanisca-argelina, a Cobra-rateira, o Mocho-galego, a Águia-de-asa-redonda, o Pintassilgo, Chamariz, a Fuinha-dos-juncos, a Gralha-preta, a Andorinha-das-chaminés, o Chapim-real, o Melro-preto, o Rato-das-hortas, o Musaranho-de-dentes-brancos e o Coelho).

As espécies mais típicas são o Tritão-de-ventre-laranja, os Rouxinóis-dos-caniços, a Laverca, a Petinha-dos-campos, a Alvéola-cinzenta, o Chapim-preto, a Lontra e os Morcegos (acantonados em grutas e algares). As mais raras são a Águia-cobreira, a Águia-calçada e a Gralha-de-bico-vermelho.

Com a **Vala** a poente e os campos de vinha a nascente prossiga entre canaviais, sempre por um caminho de terra batida, onde ainda subsistem fragmentos da antiga calçada, continuando até ao **Campo de Voo de Azambuja**, onde existe um aeródromo. Siga em frente na estrada alcatroada e prossiga até à **Quinta do Alqueidão**

por um caminho rural que lhe permite espreitar, por entre canaviais, a paisagem de pomares, vinhas e campos cultivados que têm a sua beleza especial na Primavera.

Se pretender visitar a **praia fluvial da Casa Branca**, terá de fazer um desvio à sua direita e seguir sempre para sul.

Ao passar sobre a **Vala**, estará a tomar contacto com uma realidade excecional, de grande **valor histórico e paisagístico.**

VALA REAL | é uma importante obra de **engenharia hidráulica do século XVIII.** Trata-se de uma via fluvial aberta no rio Tejo, para controlar a irrigação dos campos, permitir circulação de pessoas e favorecer o comércio, através da navegação.

O projeto foi lançado em 1748, no reinado de D. João V, com o objetivo de criar uma rede de canais, entre Azambuja e Santarém, com cerca de 26 km. A obra, impulsionada pelo Marquês de Pombal, prolongou-se pelos reinados do rei D. José e de sua filha, a Rainha D. Maria I. Na prática, correspondeu à estratégia de fomentar a rede de transportes em Portugal.

As condições de navegabilidade eram garantidas ao longo de 17 km, envolvendo os municípios de Azambuja, Carregado e Santarém. No século XIX, foi criada a Companhia dos Canais da Azambuja, entidade responsável pela boa manutenção da Vala e pela criação de infraestruturas de apoio.

Feita uma paragem para descanso e fruição da paisagem, inicie um **segundo troço**, que abrange os próximos 5,5 km. Desenrola-se entre a **Quinta do Alqueidão** e **Valada** durante cerca de 1 hora, com possibilidade de paragem no **Reguengo**.

A partir da **Quinta do Alqueidão**, continue em direção ao **dique do Tejo** por uma estrada alcatroada. A pouco mais de 1 km de distância, alcançará o dique, virando depois à esquerda. Beneficiará pontualmente da sombra dos freixos, choupos e salgueiros que crescem na base, nos taludes e ao longo da estrada. Na proximidade do **Reguengo**, antes de entrar na povoação, pode desviar à sua direita e ir até **Palhota**, percorrendo cerca de 1 km.

A **Palhota** é uma antiga aldeia de pescadores avieiros, reconhecida pelas singularidades das suas populações que habitam nas casas de madeira, pintadas em cores fortes e erguidas em palafitas para resistirem aos ciclos do Tejo. Nesta aldeia viveu o escritor Alves Redol (1911-1969).

AVIEIROS | são pescadores oriundos de Vieira de Leiria, de Leiria e de Ílhavo, que migraram para as margens do Tejo, onde se fixaram em caraterísticas aldeias de casas de madeira, junto de cais formados por estacas sobre o rio. Estas comunidades trouxeram consigo técnicas e hábitos que se traduziram num modo de vida singular, com manifestações culturais próprias.

Os traços da cultura avieira são as embarcações, as artes da pesca, as casas e cais palafíticos e a saborosa gastronomia, confecionada com peixes do rio. O escritor Alves Redol celebrizou as vivências deste património cultural no seu romance "Avieiros", obra de referência da estética do Neo-Realismo.

Embora tenham já desaparecido as comunidades avieiras, mantêm-se muitas das ambiências locais, bem como memórias deste património em permanente valorização.

➻ 39°3'36" N 8°47'54" W

Regressando ao percurso, pode fazer uma pausa na aldeia do **Reguengo**. Avance agora sobre o dique empedrado, com o **Tejo** a nascente e a **Lezíria** a perder de vista. Passe em frente da **Quinta da Mota de Frade** e entre em **Valada**, uma importante freguesia agrícola do Cartaxo, onde se destacam as culturas da vinha, girassol, milho e melão. Na povoação, destaca-se a **Igreja Matriz,** com uma invocação invulgar a Nossa Senhora do Ó, cuja edificação original é de 1211 e reedificação de 1528.

➻ 39°3'46" N 8°49'26" W

➻ **39°4'54" N 8°45'28" W**

Aqui, bem próximo do rio, pode recuperar e fazer uma pausa na mata equipada com parque de merendas, contando ainda com uma praia fluvial, que é local de encontro mas também miradouro privilegiado para observação do Tejo. Está preparado para continuar e fazer o **terceiro troço** deste quarto dia de caminhada, entre Valada e Santarém, numa distância de 18 km, que pode ser percorrido em aproximadamente 4 horas.

Ao longo desta última fase do seu percurso diário, tem boas oportunidades para efetuar paragens intermédias. Em **Porto de Muge,** pode mesmo atravessar o rio Tejo, percorrendo a **Ponte Rainha Dona Amélia**, uma notável obra de engenharia e arte, inaugurada a 14 de janeiro de 1904, pelo rei Dom Carlos I, para a circulação ferroviária. Atualmente é utilizada por algum tráfego rodoviário e pedonal. Se decidir fazer um breve percurso de ida e volta, deve sempre ter atenção à segurança.

Do tabuleiro da ponte maravilhe-se com a paisagem do Tejo. Atravessando o tabuleiro da ponte, chega a **Muge**, povoação localizada na margem esquerda da ribeira com o mesmo nome (um afluente do Tejo), que foi couto do Mosteiro de Alcobaça até ao início do século XIV, momento em que é entregue à Coroa.

Em 1648, os duques do Cadaval tornam-se seus donatários, construindo o palácio e a quinta. Visite o **Palácio dos Duques de Cadaval**, que conserva a fachada original, ladeada por dois corpos sobre-elevados com arcaduras e alpendre. A casa organiza-se em torno de um pátio onde se destaca a Capela de Nossa Senhora da Glória, construída no século XVIII.

Em frente do palácio persiste uma **ponte de origem romana com arcatura medieval**. Vale a pena visitar a **Igreja Matriz de Nª Senhora da Conceição**, construída em 1297 por Afonso Pais, pároco de Salvaterra. O templo foi reformado nos séculos XVII e XVIII.

Retorne a **Porto de Muge**. Siga sobre o dique e vislumbre velhas quintas: **Quinta das Palmeiras** (onde se destaca a alameda que lhe deu o nome); **Quinta do Pedroso**; **Quinta das Varandas**, pintada de branco e azul.

Desça o dique cerca de 1,5 km, depois de passar a **Quinta do Malpique**, fazendo um pequeno desvio à esquerda para logo (300 metros) tornar à direita, seguindo uma estrada rural de terra batida paralela ao Tejo. Esta estrada atravessa pequenas propriedades e aproxima-se de **Caneiras**, no município de Santarém. Nesta povoação, localiza-se também património de mais uma **aldeia avieira** do Tejo.

39°7'5" N 8°44'1" W

Por entre extensões de vinhedos, o Caminho começa a afastar-nos do rio e do seu dique. Percorre parte da Estrada Nacional e entra na área urbana de **Santarém** pelo antigo povoado ribeirinho de **Marvila**, percorrendo a extensa **Rua de Marvila**, o eixo viário estruturante deste núcleo ribeirinho. Por aqui, pode já conhecer monumentos notáveis como a **Igreja de Marvila** e o **Chafariz das Figueiras**.

Para chegar à cidade alta, terá de subir a íngreme **Calçada da Junqueira**. O percurso termina na **Praça Sá da Bandeira**, junto da **Catedral** e da **Igreja de Nossa Senhora da Piedade**.

A cidade de **Santarém**, o grande centro urbano da Lezíria, ergue-se sobranceira ao rio Tejo, propiciando um panorama mais extenso sobre a paisagem envolvente. A herança da sua ancestralidade é bem visível no rico património histórico-cultural, com testemunhos desde ocupação romana e árabe. Local de residência da itinerante corte medieval, prosperou ao longo dos séculos e foi elevada a cidade em 1868.

SANTARÉM | tem particularidades topográficas que condicionaram o desenvolvimento da malha urbana. A cidade implanta-se numa zona planáltica sobranceira ao rio, à altitude média de 103 metros. Dela fazem parte também dois núcleos urbanos ribeirinhos (Ribeira de Santarém e Alfange), erguidos a uma altitude média de 8 metros, na margem direita do rio Tejo.

Santarém destaca-se pela quantidade e qualidade do património classificado. Em 1910, inicia-se um processo sistemático de classificação do património histórico edificado, incluindo património civil e industrial. Com a justificação sustentada na história e na preservação patrimonial, tangível e intangível, puseram-se em prática processos de classificação que incluem exemplares como as portas da Alcáçova, as janelas manuelinas e renascentistas, igrejas e conventos góticos, edifícios religiosos e civis renascentistas, maneiristas e barrocos e equipamentos contemporâneos, como o Mercado Municipal.

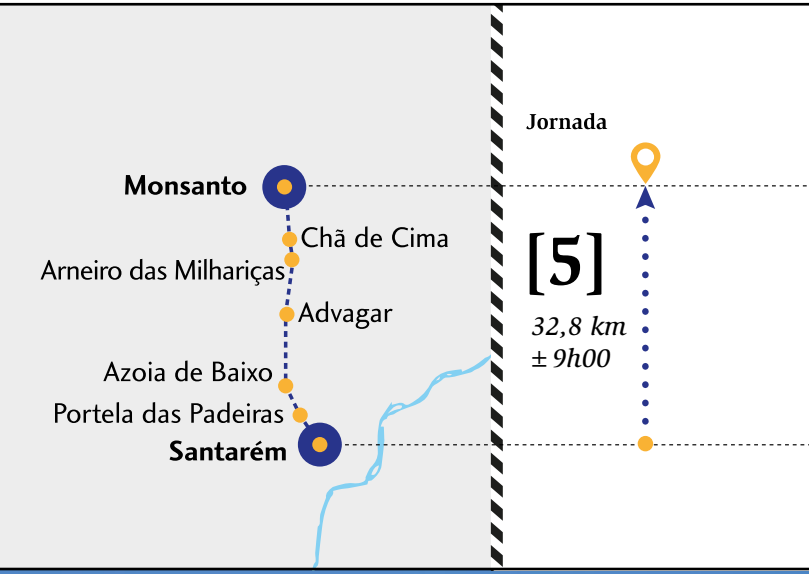
No dia da chegada, se o tempo o permitir, ou no dia seguinte pela manhã, deleite-se a percorrer as ruas desta cidade, penetrando pela **alcáçova** e observando as muralhas. No jardim das **Portas do Sol** avista o vasto território da margem sul do Tejo. Bem próximo, vale a pena conhecer a **Casa-Museu Fundação Passos Canavarro**, que alberga um excelente museu de arte e história e preserva o quarto do escritor romântico oitocentista Almeida Garrett.

Os monumentos representativos do gótico fazem parte da memória cultural da cidade, com destaque para a Igreja de **São João de Alporão**, a **Igreja da Graça** (onde se encontra o Túmulo de Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil), o **Convento de São Francisco**, fundado em 1242 para casa de uma Ordem Religiosa mendicante, bem como o **Convento de Santa Clara**.

Não deixe de visitar a **Catedral** (antiga igreja da Companhia de Jesus), dedicada a Nossa Senhora da Conceição, com a imponente fachada do século XVII.

O interior do templo, de uma só nave, possui oito capelas laterais, onde os elementos artísticos do Barroco reforçam a profundidade estética, bem presente na talha e na pintura do teto, com um traço de notável fidelidade na iconografia da ascensão de Nossa Senhora. Logo ao lado, o **Museu Diocesano**, distinguido em 2016 com o Prémio da União Europeia para o Património Cultural /Prémios Europa Nostra.

39°14'13" N 8°41'7" W



39°22'53" N 8°42'34" W

Jornada 5 | À SOMBRA DAS OLIVEIRAS

Santarém ➻ Monsanto (Alcanena)

Entre a cidade de **Santarém** e a povoação de **Monsanto**, no Município de Alcanena, há **32,8 km** que podem ser percorridos em cerca de **9 horas.**

Esta é uma jornada extensa e intensa e dá novo sentido e orientação geográfica ao Caminho, já que inflete para o território montanhoso do maciço cársico, onde se localiza o **Parque Natural das Serras de Aire** e **Candeeiros**. Por isso, sugerimos que divida a jornada em cinco troços, com paragens de permeio.

O planalto da **Serra de Santo António** marca a transição para esta zona de declives acentuados, com serranias e penhascos, vales profundos e pequenas covas agrícolas. Este é também o território ancestral que separa e liga as planícies fluviais do Tejo ao Litoral.

Nesta paisagem diversificada, marcadamente serrana e com ambiências predominantemente rurais, pontuadas por algumas centralidades urbanas, está ancorada a própria génese e história das aparições e do **Santuário de Fátima**. Os pontos de vista, que surgem ao longo do percurso em locais privilegiados da serra, revelam-nos paisagens magníficas onde predominam olivais.

➻ 39°23'34" N 8°42'38" W

Inicie esta longa caminhada ainda pela paisagem ribatejana. Pouco a pouco, começam a notar-se os contrastes entre a urbanidade da lezíria e a ruralidade do interior montanhoso. A norte de **Santarém**, ainda sobre as cumeadas, estende-se a área periurbana que envolve a cidade histórica.

Depois, a partir da Póvoa de Santarém, o **Ribeiro de Cabanas** é o foco da paisagem. O caminho atravessa os talvegues ou zonas baixas, bem sombreadas, com cultivo de vinhas. Nas encostas, emergem montados de sobreiro, olivais e bosques de carvalhos.

Mais para norte, abre-se uma nova paisagem no horizonte. É um território de solos mais frágeis e mais sensível às amplitudes térmicas que aqui são mais severas. O relevo é mais ondulado, mais acidentado, e o caminho vai percorrendo, alternadamente, zonas baixas junto dos cursos de água, abrigadas e frescas, e zonas altas, seguindo por vezes cumeadas secas e ventosas. Nas zonas mais secas predomina a azinheira e a oliveira.

39°24'16" N 8°42'4" W

Prevendo a organização do dia em fases, inicie o primeiro troço da sua jornada, entre **Santarém e Azóia de Cima**. A distância a percorrer é de 8 km, com duração aproximada de 2 horas. A saída da cidade faz-se pela antiga Estrada Militar.

Em **Azóia de Baixo** pode fazer um pequeno desvio para conhecer a **Póvoa de Santarém**, visitando a **Quinta de Vale de Lobos** (onde o escritor Alexandre Herculano terminou os seus dias), a **Quinta de Cabanas** e a **Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz** que teve origem numa capela do século XVII.

A localidade de **Azóia de Baixo** desenvolveu-se ao longo da estrada, num extenso percurso pontuado de habitações. Aqui, distingue-se a **Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição**, com a sua torre sineira adossada à fachada principal e o portal de verga em pedra, onde se encontra gravada a data de 1709, referente ao restauro então efetuado. No interior, possui retábulos em talha dourada do século XVII, altar-mor com imagem de Nossa Senhora da Conceição e paredes revestidas com silhares de azulejos do séc. XVIII, com representações da Eucaristia.

No adro da igreja, encontra-se o **túmulo de Alexandre Herculano**, onde permaneceram as cinzas do escritor entre 1877 e 1888, momento em que se procedeu à transladação desta relevante personalidade da História de Portugal para a Sala do Capítulo do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa.

Aproveite para repousar e comece o segundo troço da sua jornada, entre **Azóia de Baixo** e **Advagar,** em que deverá percorrer 7 km durante 2 horas. Preparando-se para zonas onde o traçado do Caminho encontra declives, pode realizar paragens intermédias, uma na Quinta de Cabanas e outra na Quinta de Val Flor, sempre com a devida autorização dos proprietários.

Ao sair de **Azóia de Baixo**, dirija-se para **Casais de São Brás.** Mais à frente, irá prosseguir por uma estrada paralela ao **ribeiro de Cabanas** e, continuando o percurso, passará sobre a ponte que atravessa o ribeiro, para encontrar a **Quinta de Cabanas**, encoberta no arvoredo. Esta Quinta é constituída por um conjunto de construções organizadas em torno de um pátio retangular aberto sobre a entrada principal.

Consulte o mapa do Caminho e percorra a estrada que se estende ao longo da cumeada até **Advagar**. Aqui poderá fazer uma pausa repousante e iniciar o terceiro troço desta jornada, entre **Advagar** e **Arneiro das Milhariças**, numa distância de 6 km, durante 1 hora e 30 minutos.

Em Advagar saia pela estrada que liga a Santos. No início, o Caminho atravessa uma zona de relevo ondulado e coberta de azinheiras e oliveiras. Nas propriedades existem afloramentos rochosos, bosquetes de zambujeiros, azinheiras, pinheiros e carrascos que constituem os exemplares da antiga compartimentação territorial.

De passagem por **Santos**, continue a descer e tome a direção de **Pernes**, prosseguindo em direção a **Casais das Milhariças** por um caminho de terra batida que sobe atravessando o **Arneiro das Milhariças**, uma aldeia com casario heterogéneo disperso sobre uma pequena elevação, onde sobressai a **Igreja Matriz**, construída em 1671 sob uma ermida fundada em 1608.

Preparando-se para completar esta jornada, inicie o quarto troço, numa extensão de 6,5 km, entre **Arneiro das Milhariças** e as nascentes do **rio Alviela**. Esta caminhada dura cerca de 2 horas, podendo fazer uma pausa na cumeada de Três Moinhos, entre o Arneiro das Milhariças e Chã de Cima.

Siga em direção de **Espinheiro** e prossiga para a serrania que se ergue a nordeste, sobre a várzea cultivada do rio Centeio. Por um caminho de terra batida que atravessa esta várzea, suba a encosta íngreme até atingir a cumeada. Aqui, a vista estende-se por muitos quilómetros sobre o panorama extenso de olivais, figueiras e pinheiros bravos.

A meio deste percurso, entre o final da subida e a aldeia de **Chã de Cima**, existe um alinhamento de três moinhos de vento desativados, um excelente local para breve pausa. Em **Chã de Cima**, onde também pode aproveitar para descansar, existe uma pequena capela de construção recente.

Depois de atravessar a povoação, siga para norte, em direção às nascentes do **rio Alviela**. No percurso, pode fazer um pequeno desvio por **Malhou**, uma aldeia onde se destaca o edifício da **Igreja Paroquial** (orago do Divino Espírito Santo), de fachada barroca, erguida em 1634.

Aqui foi sepultado Sebastião Duarte de Alviela e seu filho, em 1664.

Em pleno território do **Município de Alcanena**, prossiga o caminho, passando por **Amiais de Baixo**, uma freguesia criada por decreto de 25 de junho de 1851, quando foi desanexada da de **Malhou**. Pertenceu ao Patriarcado de Lisboa até à criação da diocese de Santarém, em 16 de julho de 1975, pela Bula *Aposticae Sedis Consuetudinem*, do Papa Paulo VI. Atualmente, pertence ao arciprestado de **Alcanena**. O seu orago é Nossa Senhora da Graça que se invoca na **Igreja Matriz**.

Siga a direção **Praia Fluvial**, até chegar ao choupal que borda uma das margens do **rio Alviela** que aqui ainda galga puro, numa agitação leve das águas, que vão navegando até ir ao encontro de uma pequena represa junto ao choupal. Aproveite e retempere as forças à sombra destas árvores antes de retomar a viagem. Bem perto, o **Centro de Ciência Viva Carsoscópio** revela-nos a história e a vida deste território ancestral.

36°56'39"N 10°22'39"W

OLHOS DE ÁGUA DO ALVIELA | uma das seis nascentes cársicas permanentes do Maciço Estremenho e a que detém o maior caudal. Situa-se na transição entre o Maciço e a Bacia Terciária do Tejo e a sua bacia de alimentação prolonga-se por 180 km^2 subterrâneos. Chegam a jorrar 17 mil litros de água por segundo, ou seja, 1,5 milhões de metros cúbicos por dia. A partir de 1880, foi uma das principais fontes de abastecimento de água à cidade de Lisboa, através do Aqueduto do Alviela. O início do trajeto permite-nos fruir da Praia Fluvial dos Olhos d'Água do Alviela.

➽ 39°26'43" N 8°42'36" W

CARSOSCÓPIO | espaço de ciência e tecnologia integrado na Rede Nacional de Centros Ciência Viva. A visita a este moderno equipamento permite-nos conhecer a evolução do Maciço Calcário Estremenho ao longo de 175 milhões de anos, desvendar os percursos subterrâneos da água e viver experiências estimulantes. Através de um sistema interativo, o visitante pode "colocar-se na pele" de um morcego, um dos ancestrais habitantes das grutas e cavidades subterrâneas que caraterizam a geologia dos solos calcários do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros.

Quinta de Alviela é um solar do séc. XVIII, propriedade dos morgados de Alviela. Transpondo o portal barroco, o conjunto arquitetónico de planta em L integra uma pequena capela dedicada a Santa Isabel. O edifício principal desenvolve-se no andar superior por causa das cheias do rio Alviela. Na fachada, a escadaria de acesso é rematada por uma *loggia* renascentista e o portal é ornamentado com escudo esquartelado da família (Henriques, Castros, Pedreiras e Vasconcelos-Ribeiro) e encimado por uma cruz. A Quinta do Alviela completa-se cenograficamente com o seu jardim de buxo.

Não deixe de fazer o percurso interpretativo dos **Olhos d'Água do Alviela**, um itinerário com grande atratividade, entre a nascente do Alviela e o sumidouro da ribeira dos Amiais. A singularidade geológica coloca-nos em contacto com a caraterística vegetação mediterrânica.

Na lapa da **Canada**, a **ribeira dos Amiais** envolve-se num percurso ao longo de 200 metros e, mais a jusante, a natureza modelou uma importante estrutura cársica natural – a janela cársica –, que nos permite observar a ribeira a navegar em profundidade ao longo dos diferentes níveis de grutas calcárias, formadas durante milhões de anos. Nestas grutas abrigam-se colónias de morcegos. A ribeira volta a circular novamente à superfície, antes de desaguar no rio Alviela. Numa das passagens, produz um canhão flúvio-cársico, estreito, encaixado na paisagem, de vertentes íngremes. No início deste canhão, acha-se

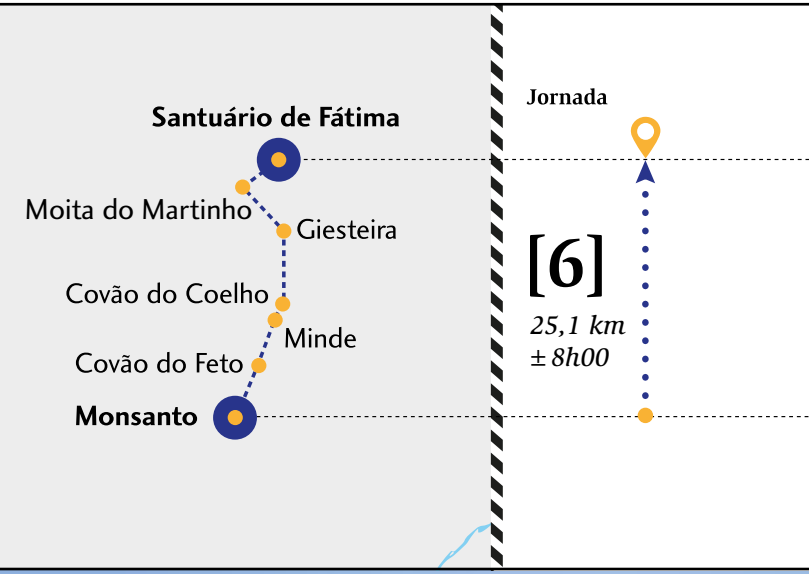
um poço escuro (uma cavidade cársica protegida por um dique de betão que, na época chuvosa, expele água com uma enorme intensidade).

Depois de contemplar uma paisagem de rara beleza, inicie o quarto troço desta jornada, entre a nascente do **Alviela** e **Monsanto**, percorrendo 2,5 km durante cerca de 1 hora.

39°27'51" N 8°42'40" W

Passe sobre uma ponte para a margem esquerda e suba um caminho íngreme de terra batida, que percorre uma mata onde se misturam sobreiros, carvalhos, pinheiros-mansos e medronheiros. Mais adiante, sob uma mata de carvalhos, o caminho torna-se estreito e sinuoso. O piso, de terra batida, vai desaparecendo sob um tapete de folhas, tornando a paisagem mais bela. Continue até **Monsanto**, onde encontra alguma logística de apoio. Merece visita a **Igreja do Espírito Santo de Monsanto**, um templo barroco do século XVIII, com portal flanqueado pelas imagens de S. João Evangelista e de Nossa Senhora da Conceição.

Se pretender desviar por **Alcanena** para pernoitar na sede do município, deverá fazê-lo pela estrada nacional que liga Monsanto a esta vila, seguindo com precaução pela berma do seu lado esquerdo.



39°30'6" N 8°41'50" W

Jornada 6 | PELAS SERRAS DE AIRE E CANDEEIROS

Monsanto ➸ Santuário de Fátima

Este último dia do Caminho, entre **Monsanto** e o **Santuário de Fátima**, tem cerca de **25,1 km** e pode ser percorrido em aproximadamente **8 horas**.

O Caminho prossegue agora pelo território das Serras de Aire e Candeeiros. Neste cenário, ao longo de **serranias desertas**, emergem pequenas covas com aproveitamento agrícola ou mesmo covões, em cujas vertentes se formaram os povoados.

Neste ambiente de ruralidade, a agricultura e a pastorícia tradicional também marcam a paisagem humanizada com os tradicionais muros de pedras que limitam propriedades e protegem rebanhos e manadas, bem como os inesperados abrigos de pastores construídos totalmente e artesanalmente em pedra.

A natureza é sempre dominante, com as suas formas e configurações naturais, com destaque para as conhecidas grutas e lapas, e também para os insólitos campos de lapiaz ou o acentuado polje de Mira-Minde.

A progressiva aproximação a Fátima é marcada pelo contraste entre a ruralidade tradicional e a expressão de urbanidade que, naturalmente, a construção do Santuário gerou. A cidade de **Fátima**, retomando a tradição histórica em Portugal, é o único centro urbano formado no século XX junto de um local de culto e peregrinação.

Sugerimos-lhe que faça esta caminhada com algumas paragens, organizando o seu percurso em pequenos troços, o que lhe permite desfrutar da paisagem e entrar em comunhão com a natureza, em sintonia com os lugares que se aproximam cada vez mais do destino da sua peregrinação.

Inicie a sua caminhada, fazendo o primeiro troço desta sexta jornada, entre **Monsanto** e **Minde**, percorrendo 8 km durante aproximadamente 2 horas. Ao longo deste percurso, pode fazer paragens intermédias, junto de parques de merendas assinalados.

39°30'7" N 8°41'48" W

Atravesse **Monsanto** e saia da povoação. Suba até à estrada que liga esta vila ao **Covão do Feto** e siga, descendo suavemente, até ao contraforte da **Serra de Aire**. A paisagem começa a modificar-se. Vislumbramos já as serranias agrestes, mas belas, cortadas pelo vento frio no inverno e banhadas pelo sol tórrido no verão, dominando o panorama que penetra fisicamente nos nossos sentidos.

Pouco depois de sair de **Monsanto**, pode entrar na aldeia de **Casais da Moreta** e subir ao miradouro e parque de merendas do **Parque Natural de Serra Aire** e **Candeeiros**. Nesta paisagem surgem pequenas manchas de carvalho-cerquinho ou a azinheira. De entre as plantas autóctones destacam-se as plantas aromáticas, medicinais e melíferas, repartidas por algumas dezenas de espécies.

PARQUE NATURAL DAS SERRAS DE AIRE E CANDEEIROS – PNSAC | área protegida, com 38.900 hectares, nas Serras de Aire e Candeeiros, enquadradas no Maciço Calcário Estremenho. É um território vasto, com áreas naturais e áreas urbanas associadas a povoamento disperso. Abrange quatro unidades morfológicas: Serra de Aire, Serra dos Candeeiros, Planalto de Santo António e Planalto de São Mamede.

Apesar da secura na superfície dos solos, a água das chuvas penetra nos terrenos calcários, o que faz desta zona uma das maiores reservas aquíferas subterrâneas. No subsolo, existem numerosas grutas e algares e, à superfície, encontram-se curiosas formações rochosas, como campos de lapiás.

No que diz respeito à fauna, prevalece o morcego, o ginete, a raposa, o coelho, o bufo real, a águia-de-bonelli, a coruja, o mocho, a gralha e o corvo. Em termos de flora, destaca-se a azinheira, a oliveira, o carvalho e o alecrim, assim como algumas espécies florais como orquídeas e peónicas.

➻ **39°31'33" N 8°40'46" W**

Prossiga até ao **Covão do Feto**. No ponto mais alto, atravesse a estrada que liga a **Serra de Santo António** a **Moitas-Venda** e, junto a um pequeno eucaliptal, tome o caminho que conduz ao cume da serra.

Em alternativa, pode optar por um caminho menos acidentado, seguindo pela estrada alcatroada até à povoação de **Serra de Santo António** e daqui continuando em direção a **Minde**. Está no **Planalto de Santo António**.

Por aqui, os muros e as construções são de pedra calcária. O caminho é emoldurado por muros de pedra solta que delimitam as pequenas propriedades, onde se erguem construções circulares que abrigam pastores, animais e alfaias agrícolas. As oliveiras dominam a vegetação e crescem protegidas por entre estas construções rústicas feitas pelo Homem.

Para norte, novamente a serra coberta de tojo, alecrim e carvalhais. Nos vales dormentes e pouco pronun-

ciados, entre parcelas cercadas, cultiva-se uma agricultura de métodos resilientes e ancestrais.

Continue sempre a subir até alcançar mais um miradouro e parque de merendas. Deste local, tem um panorama amplo do polje que se formou nas terras baixas entre **Minde** e **Mira de Aire**.

POLJE DE MIRA | MINDE | grande lago que em épocas recuadas existiu nesta zona calcária e que persiste quando a excessiva acumulação de água nas extensas redes de galerias subterrâneas acaba por emergir à superfície.

Com 4.000 metros de comprimento e 1.800 metros de largura, é o maior polje do Maciço Calcário. No inverno, enche-se de água, formando um grande lago, que chega a atingir uma profundidade de oito metros. Para além da beleza própria do enquadramento paisagístico, é um ambiente rico em biodiversidade. Na estação invernal, quando atinge a sua plenitude, encontramos o pato-real, a galinha-d'água e o galeirão. No Verão, a secura permite o aparecimento de outras espécies avícolas como o cartaxo, a petinha-dos-campos e a águia-cobreira.

Foi precisamente esta formação aquática ancestral que permitiu o incremento das manufaturas e da indústria de tecelagem que atraíram o povoamento e formação das duas vilas que lhe dão nome.

Depois de descansar, inicie a descida até **Minde**, uma vila que se desenvolveu graças à tecelagem e à indústria de lanifícios, em especial a fabricação de mantas. O intenso movimento comercial, gerado pela produção, deu origem à invenção de um dialeto próprio (mindrico ou minderico), criado pelos feirantes, com o intento de manterem as negociações em privado.

Aqui pode descansar e retomar forças, mas também observar o casario antigo e a **Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Assunção**, com frontão recortado na fachada e interior com altares de talha dourada. No pitoresco largo

onde se ergue o coreto tradicional, de 1933, com cobertura em ferro e painéis de azulejos com temáticas alusivas à indústria têxtil, localiza-se também o **Museu da Aguarela Roque Gameiro**, instalado na casa que pertenceu à família deste notável pintor, que nasceu em **Minde**, em 1864.

Lance-se ao Caminho, para fazer o segundo troço deste último dia, entre **Minde** e **Giesteira**.

No **Covão do Coelho**, conta com alguns equipamentos de apoio e um outro parque de merendas do **Parque Natural**. Pode realizar uma paragem intermédia, antes de continuar, agora para atravessar a **Serra de Aire**.

O Caminho prossegue, atravessando áreas mistas (zonas urbanas e zonas rurais, aldeias e campos de cultivo e pastagem). Inclui grande diversidade de estradas e caminhos de terra batida, pelo que lembramos a necessária atenção à sinalização e, sobretudo, o recurso à cartografia atualizada. Avança por encostas, cumeadas e vales, mas também por planuras. Este é o sinal de que saímos do Parque Natural e a paisagem começa a modificar-se.

39°34'44" N 8°40'48" W

A **Rua das Partilhas** leva-o até à aldeia da **Giesteira**, onde pode entrar para visitar a **ermida de Santo Amaro**, edificada em 1633.

Tem agora à sua frente o último troço desta jornada e do próprio Caminho. Daqui até ao Santuário de Fátima, são cerca de 7 km, distância que pode percorrer durante 1 hora e 30 minutos. Este percurso segue em direção a **Moita do Martinho**, passando pelo Casal Velho.

Entre campos de cultivo, matas de pinheiro bravo e bosques de carvalhos, prossiga pela **Estrada da Moita do Martinho** que o levará à **Cova da Iria**, em pleno **Santuário de Fátima**, onde a **Capelinha das Aparições** é o ponto de chegada de todos os Caminhos.

39°37'48" N 8°40'33" W

Santuário de Fátima

LUGAR DE PEREGRINAÇÃO E ESPAÇO DE ARTE

Os Caminhos e os seus itinerários levam-nos até **Fátima**, em espírito de verdadeira peregrinação. A chegada ao **Santuário** é o momento de encontro com um lugar emblemático, onde religião e arte se entrelaçam.

O Santuário ergue-se no sítio da **Cova da Iria**, local das aparições da Virgem aos três pastorinhos, em 1917. Neste território ermo e povoado por oliveiras e azinheiras, ergueu-se o santuário e desenvolveu-se a cidade de Fátima, cuja história é indissociável da história das aparições e da construção do santuário.

AZINHEIRA

Em pleno Maciço Calcário, a Cova de Iria tem um clima mais húmido do que a restante serra, mais árida. Foram essas particularidades que permitiram que em Fátima se desenvolvesse uma magnífica moldura vegetal e um coberto arbóreo distinto, um pulmão verde no qual se destacam as Azinheiras.

Estas árvores, altamente resistentes, adaptam-se às modelações do relevo, numa sucessão de depressões que configuram as covas, característica da paisagem do Planalto de São Mamede. As condições edafoclimáticas modelaram a importância científica da espécie botânica, que povoa a paisagem envolvente, onde se erguem estas árvores antiquíssimas, bem enraizadas no solo. Com troncos robustos e amplas copas, matizam a paisagem de cores diversas, ao longo do ano, conferindo uma virtualidade estética inesgotável ao território.

Foi neste ambiente, marcado por uma natureza agreste e bela, e sobre uma destas azinheiras, que os três pastorinhos (Jacinta, Francisco e Lúcia) testemunharam a primeira aparição da Virgem, em 1917. Desta paisagem antiga, preserva-se hoje no recinto do santuário uma

grande azinheira, junto da capelinha que foi construída no local das aparições onde antes se erguia uma pequena azinheira.

Ponto de encontro de peregrinos e visitantes, lugar de fé, o Santuário é também um lugar onde a arte tem espaço próprio e se exprime.

O **Santuário** é configurado por um conjunto monumental constituído pela **Capelinha das Aparições** (construída em 1919), pela **Basílica de Nossa Senhora do Rosário** e pela **Igreja da Santíssima Trindade**.

A **Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima** e a **Igreja da Santíssima Trindade** possuem discursos arquitetónicos e estéticos diferenciados. A sua organização espacial, em dois planos opostos, permite criar o grande recinto de oração onde se reúnem milhões de peregrinos. No ponto visível para toda a multidão de peregrinos, destaca-se a **Capelinha das Aparições**, protegida pela grande galeria coberta, deixando visível um local de oração e de importantes cerimónias religiosas.

CAPELINHA DAS APARIÇÕES desempenha o lugar da experiência sagrada e congregadora do Santuário de Fátima.

Construída em 1919, a pedido da Virgem Maria durante uma das aparições às três crianças, aqui foi celebrada a primeira missa em 1921. No ano seguinte, a 6 de março, foi destruída por uma bomba e, logo de imediato, reconstruída. É um edifício muito simples, com uma dimensão plástica e arquitetónica destinada a congregar os fiéis e os peregrinos em torno de um espaço de oração com uma visão dirigida para o ponto focal das aparições.

No centro da capelinha, a Virgem de Fátima assinala o lugar da azinheira das aparições, desaparecida por ter sido levada, ramo a ramo, por fiéis e crentes.

As intervenções arquitetónicas, a partir da década de 1980, incorporam uma estrutura alpendrada que protege a capelinha e todos aqueles que aí se congregam para as cerimónias privadas e públicas de oração e fé.

Arquitetura e Arte estão presentes em todo o **Santuário**, denotando uma relação requintada e sofisticada. Respondem às exigências do lugar, do clima, dos materiais, mas principalmente da atitude espiritual que as diversas artes potenciam e refletem.

A **Basílica de Nossa Senhora do Rosário**, com projeto de Gerardus Samuel van Krieken (1864-1933), iniciou-se com o lançamento da primeira pedra, a 13 de maio de 1928. A sagração do templo ocorreu a 7 de outubro de 1953. A fachada da Basílica é precedida por imponente escadaria que se prolonga numa colunata, da autoria do arquiteto António Lino (1909-1961). Na sua estrutura formal, basílica e colunata abraçam o amplo recinto de oração, num anfiteatro aberto ao mundo, destinado à promoção espiritual e à participação da assembleia.

O conjunto escultórico da colunata (executado a partir de 1953) expressa a criatividade dos escultores Álvaro de Brée (1903-1962), António Duarte (1912-1998), Leopoldo de Almeida (1898-1975), Salvador Barata Feyo (1899-1990),

FRANCISCO

Domingos Soares Branco (1925-2013), Maria Amélia Carvalheira (1904-1998), Sousa Caldas (1894-1965), Vasco Pereira da Conceição (1914-1992), Irene Vilar (1930-2008), José Manuel Mouta Barradas (1960) e Vítor Godinho Marques (1964). A escultura que representa o **Imaculado Coração de Maria**, colocada no centro da fachada da basílica a 13 de maio de 1958, é uma obra da autoria do escultor e frade dominicano Thomas MacGlynn (1906-1977).

No interior do templo, as obras de arte são igualmente representativas. Maria Amélia Carvalheira (1904-1998) é autora da escultura de São Domingos de Gusmão. Martinho Felix de Brito criou as de Santo António Maria Claret e de São João Eudes e António Amaral Paiva a de Santo Estêvão da Hungria. A representação dos pastorinhos ficou a cargo de dois escultores contemporâneos. José Rodrigues concebeu a de São Francisco Marto e Clara Menéres a de Santa Jacinta Marto.

Os 14 bronzes dourados dos **Mistérios do Rosário**, da autoria de Martinho de Brito, apresentam espontaneidade emocional e coerência da linguagem plástica.

O alto-relevo da abóbada da capela-mor é da responsabilidade de Maximiano Alves (1888-1954), os vitrais dos altares laterais que traduzem a ladainha de Nossa Senhora foram desenvolvidos por João de Sousa Araújo (n. 1929) e os 15 painéis em mosaico são da autoria de Fred Pittino (1906-1991).

No recinto do **Santuário**, ergue-se o **Presépio**, realizado, em 1999, pelo escultor José Aurélio (1938) para este espaço exterior, numa linguagem moderna, plena de simbologias e referências iconográficas. Em chapa de inox, formando uma secção triangular alongada, com 5 metros de altura, configura um anjo com asas levantadas, acolhendo e anunciando o nascimento de Jesus.

A **Igreja da Santíssima Trindade**, inaugurada a 12 de outubro de 2007, abriu um novo diálogo de convergência e de comunidade, convidando à meditação, oração e comunhão. O projeto, da autoria do arquiteto grego Alexandros Tombazis (n. 1939), incorporou contributos artísticos nacionais e internacionais, estabelecendo uma articulação consciente entre arquitetura e arte.

As obras de arte do novo templo foram confiadas a criadores de referência em diversas áreas da produção artística contemporânea. Álvaro Siza-Vieira (n. 1933) pintou o painel de azulejos dedicado aos Apóstolos Pedro e

Paulo, colocado no piso inferior da igreja. Pedro Calapez (n. 1953) criou o pórtico principal. Francisco Providência (n. 1961) desenhou o nome dos Apóstolos a que são dedicadas as portas laterais do templo. O canadiano Joe Kelly gizou a parede frontal de vidro serigrafado em inúmeras línguas. O esloveno Ivan Rupnik criou o mosaico em folha de ouro, a Nova Jerusalém do Apocalipse de São João, que guarnece a parede do Presbitério. A irlandesa Catherine Green concebeu o grande crucifixo de bronze que se suspende sobre o altar. O italiano Benedetto Pietrogrande esculpiu, em mármore de carrara, a imagem de Nossa Senhora, para o Presbitério. No exterior, a Cruz Alta do Santuário de Fátima foi construída pelo alemão Robert Schad e o polaco Czeslaw Dzwigaj realizou a estátua monumental do Papa João Paulo II.

EDITADO

Centro Nacional de Cultura

CONTEÚDOS

Centro Nacional de Cultura

COORDENAÇÃO

Maria Calado

INVESTIGAÇÃO

Ana Rogado, Conceição Reis Gomes,
Helena Gonçalves Pinto

FOTOGRAFIA

Centro Nacional de Cultura

Câmara Municipal da Azambuja

Câmara Municipal de Lisboa

Câmara Municipal de Loures

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Enric Vives-Rubio

DESIGN GRÁFICO

José Brandão | Susana Brito [B2 DESIGN]

TRADUÇÃO

Kennis Translations

IMPRESSÃO

Multitipo-Artes Gráficas Lda

CENTRO NACIONAL DE CULTURA CNC ©2023

DEPÓSITO LEGAL

456 596/19

ISBN

978 – 972 – 8945 – 08 - 4

DEZEMBRO 2023

APOIO

Financiado por

TURISMO DE PORTUGAL

Entidade Regional de Turismo da Região de Lisboa

INFORMAÇÕES

CENTRO NACIONAL DE CULTURA

cnc.pt

caminhosdefatima.org

SANTUÁRIO DE FÁTIMA

peregrinos@fatima.pt

TURISMO DE PORTUGAL

visitportugal.com

pathsoffaith.com

NÚMERO DE EMERGÊNCIA

112

CONTRACAPA

Caminho da Manhã

Sophia de Mello Breyner Andresen
Poeta

versão portuguesa
in Livro Sexto, 1962

Vais pela estrada que é de terra amarela e quase sem nenhuma sombra. As cigarras cantarão o silêncio de bronze. À tua direita irá primeiro um muro caiado que desenha a curva da estrada. (…) E assim irás sempre em frente com a pesada mão do Sol pousada nos teus ombros, mas conduzida por uma luz levíssima e fresca. (…)

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, *Caminho da Manhã*, 1962